Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de educação e humanidades

Instituto de psicologia

Programa de pós - graduação em psicanálise

Fernanda Araujo Medeiros Machado

O im-possível da escuta do trauma em psicanálise

Rio de Janeiro

2017

Fernanda Araujo Medeiros Machado

O im-possível da escuta do trauma em psicanálise

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Orientadora: Profª. Dra. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro

Rio de Janeiro

2017

Fernanda Araujo Medeiros Machado

O im-possível da escuta do trauma em psicanálise

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em 12 de Julho de 2017.

Banca Examinadora:

_____

Profª Dra. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro (Orientadora)

Instituto de Psicologia – UERJ

_____

Profª Dr. Vinícius Anciães Darriba

Instituto de Psicologia – UERJ

_____

Profª Dra. Ruth Pinto Cohen

Instituto de Psicologia - UFRJ

Rio de Janeiro

2017

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata à Professora Dra. Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro, orientadora que acolheu e apostou na realização dessa pesquisa, do início ao fim, de forma precisa e presente.

Grata ao programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, seus professores, pela oportunidade e aprendizado.

Grata à CAPES pela concessão da bolsa de mestrado.

Grata à banca examinadora, Prof. Dr. Vinícius Darriba e Profa. Dra.Ruth Cohen, pela disponibilidade e apontamentos na construção deste trabalho.

Grata à minha família pela segurança de saber de seu amor, apoio e incentivo. Ao Vitor pela cumplicidade e renovação diárias da escolha de caminharmos juntos e por todo o auxilio durante esse tempo de pesquisa. À Beatriz por, em tão pouco tempo, me ensinar de forma tão visceral que minha capacidade de amar e de sentir medo são infinitas. Aos meus pais, avó e irmão por serem para mim um porto seguro cercado de afeto e disponibilidade.

Grata ao Prof. Antônio Geraldo Peixoto por ter me apresentado à psicanálise de forma tão apaixonante. Aos professores e colegas do IPUB/UFRJ pela troca e aprendizado;

Grata à família Moninhas, da qual me sinto parte, pelo carinho e acolhimento.

Grata à Isabel Senra pela oportunidade de estar no ambulatório do flamengo, onde tanto aprendo. Pela amizade, pelo carinho e pela troca; aos colegas do ambulatório do flamengo pela construção de um espaço de trabalho respeitoso e de troca de conhecimento.

Grata à Camile Dias pela oportunidade de trabalhar em um hospital, pela confiança, pelo respeito e pelas trocas.

Grata à Roberta, Bruno, Junior e Juliana pela amizade, pelo amor e compreensão ao longo desse período. À Valentina, Eduarda e Eduardo, crianças

que me encantam, que amo e que despertam o melhor de mim. Aos amigos Deborah Lima, Aline Passos e Eduardo Paixão, pela amizade e leveza. Ao companheiro de trabalho e amigo, Maicon Cunha em quem tanto confio e com quem tanto aprendo. E à Ana Clara Rohem pelas agradabilíssimas conversas, sobre as crianças, sobre os bichos, sobre poesia, sobre os estudos, enfim, sobre a vida.

RESUMO

MACHADO, F.A.M O im-possível da escuta do trauma em psicanálise 2017**,** 67 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

Freud iniciou suas reflexões sobre o trauma partindo da etiologia das neuroses, escutando as histéricas e fazendo dessa questão um ponto indispensável para a construção de sua teoria e de sua prática. Após considerar a relação do trauma com a fantasia, vinculou-a à repetição e à pulsão de morte. Se Freud considerou a sexualidade traumática, Lacan propôs a existência da linguagem do ser falante como traumática. Do trauma ao *troumatisme*, elaborou o conceito de real como algo que excede o simbólico e o imaginário, apontando o limite da fala e trabalhando, ao final de seu ensino, a questão da escrita do corpo e do gozo. Esse trabalho constitui-se em uma revisão bibliográfica de Freud a Lacan, abordando algumas questões importantes para a compreensão do conceito de trauma, seu limite na clínica e o lugar do impossível de ser dito.

Palavras – chaves: Psicanálise, Trauma, Freud, Lacan

ABSTRACT

MACHADO, F.A.M O im-possível da escuta do trauma em psicanálise 2017**,** 67 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

Freud began his reflections on trauma based on the etiology of neuroses, Listening to hysterics and making this an indispensable point for the construction of his theory and practice. After considering the relationship of trauma with the fantasy, linked it to the repetition and the death instinct. If Freud considered traumatic sexuality, Lacan proposed the existence of the language of the talking being as being traumatic. From trauma to troumatismo, elaborated the concept of real as something that goes beyond the symbolic and imaginary, pointing to the limit of speech and working, at the end of his teaching, the question of writing, of body and of joy.

This work is based on a bibliographical review of Freud to Lacan, addressing some important questions for understanding the concept of trauma, its limit in the clinic and the place of the impossible to be said.

Key – words: Psychoanalysis, Trauma, Freud, Lacan.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO ---------- 8

Capítulo 1 - Freud e sua escuta inaugural sobre o não dito: o trauma -------- 11

1. O trauma no nascimento da psicanálise ---------- 11

1.1 Trauma, sexualidade e fantasia ---------- 17

1.2 Trauma, recalque e sintoma ---------- 19

1.3 Trauma, pulsão e repetição ---------- 21

1.4 Trauma, *das Ding* e angústia ---------- 26

2. Algumas pontuações sobre retomada inicial de Lacan do conceito freudiano de trauma ---------- 30

Capítulo 2 - Trauma e real: um estudo do seminário 11 de Lacan---------- 36

2.1 Real e trauma ---------- 38

2.2 Real, Trauma e inconsciente---------- 42

2.3 Real, trauma e pulsão ---------- 49

2.4 Real, trauma e repetição ---------- 54

2.5 Real, trauma e transferência ---------- 58

Capitulo 3 – O trauma no último ensino de Lacan---------- 60

3.1 Considerações finais ---------- 63

Referências ---------- 66

O IM-POSSÍVEL DA ESCUTA DO TRAUMA EM PSICANÁLISE

INTRODUÇÃO

O termo trauma deriva do grego e significa ferida. É amplamente utilizado na medicina para designar tanto quadros que apresentam feridas abertas quanto traumas internos. Freud se apropriou desse termo, fazendo dele indispensável para a psicanálise. Mas ele o utiliza de um modo diferente, a partir do trabalho inconsciente sobre a ferida; uma ferida de cicatrização impossível. A questão do trauma desperta o interesse de Freud e o auxilia em sua construção clínica e teórica, percorrendo toda a sua obra e sendo tema também do ensino lacaniano, especialmente ao final, no qual avança na relação entre trauma e linguagem.

Historicamente a psicanálise surgiu da fala. Foi atentando para o, até então desvalorizado, discurso da histérica que Freud pôde formular o inconsciente psicanalítico. Sua teoria foi construída a partir de uma prática clínica e das reflexões por ela suscitadas. Elaborou-se assim uma densa e complexa teorização, transmissão e saber sem os quais a clínica orientada pela psicanálise não é capaz de ser sustentada. A clínica, por sua vez, impõe uma constante reelaboração da teoria fornecendo-lhe novas indagações.Um dos aspectos dessa elaboração e reelaboração tem sido a relação entre trauma e linguagem, tornando interessante a pergunta sobre o que é o trauma e qual a sua relação com a linguagem. O que dele pode ser dito e o que permanece como indizível?

Considerando que o sujeito se escreve em um campo discursivo preexistente, a partir dos significantes do campo do Outro, produzindo marcas e sendo efeito dos discursos, das palavras, da incidência da linguagem sobre ele, uma incidência traumática, podemos afirmar que o sujeito não se constitui sem o Outro. A presente pesquisa

pretende investigar o efeito, para o sujeito, desse encontro com o Outro, encontro com os significantes do campo do Outro, enquanto condição constituinte, traumática, sempre única.Para tanto, encontramos um caminho na investigação do conceito de trauma na teoria e clínica da psicanálise a partir da obra freudiana, do ensino de Lacan e de seus leitores.Podemos, para nos auxiliar nessa revisão bibliográfica, nos orientar pelo questionamento de como uma análise pode recolher os efeitos do encontro traumático com a linguagem e de como pode operar com esses efeitos.

Considerando a análise como uma experiência de fala que inclui no discurso o inconsciente, a pulsão, o saber produzido nas entrelinhas desse discurso, que opera na economia de gozo do sujeito e estando advertidos de que há algo de incomunicável, de não simbolizável na experiência traumática, como tratar daquilo que não pode ser dito? E para esse impossível de ser dito, de que serve o discurso?

Podemos localizar esses efeitos nos sintomas, nas repetições, nos atos e nesse ponto de intimo estranhamento descritos pelo sujeito? E o que falar disso pode produzir? Miller nos coloca a seguinte questão: “o que a fala pode mudar no modo de gozo de um sujeito?”(MILLER 1994, p.19).Freud teorizou sobre o trauma ao longo de toda sua obra, assim como o fez Lacan em seu ensino, mas o que perpassa e nunca foi modificado é o ponto de indizível, de inominável, de impossível de ser encadeado discursivamente que pertence ao trauma.

Temos como objetivo a investigação do conceito de trauma e a forma como este se apresenta no discurso do sujeito e na clínica: entre o que é possível de ser dito e aquilo que permanece no campo do inapreensível, do indizível, que diz respeito ao real. Essa pesquisa visa desenvolver-se a partir de uma revisão bibliográfica partindo da obra de Sigmund Freud e do ensino de Jacques Lacan e alcançando as importantes contribuições

de outros autores contemporâneos. É na esperança de trazer luz às questões referentes ao conceito de trauma que se dedica a elaboração dessa pesquisa.

No primeiro capítulo priorizaremos as descobertas e construções freudianas, dividindo-o em cinco itens que dialogam com certa cronologia da teorização do trauma em Freud. Essa proposta visa pontuar a íntima ligação entre o trauma e outros conceitos freudianos e os efeitos dessa articulação que comparecem na clínica. Assim, a fantasia aparece como efeito do encontro traumático com a sexualidade; o sintoma como uma expressão modificada pela ação do recalcamento que opera por um núcleo traumático; a repetição como insistência pulsional que escapa a ação simbólica e, por fim, a angústia como resposta ao trauma do encontro com *das Ding*. No último item deste primeiro capítulo visitaremos os escritos iniciais de Lacan que retomam a obra freudiana no âmbito do que mais nos interessa nesta pesquisa.

No segundo capítulo trabalharemos as relações entre trauma e real com os quatro conceitos fundamentais expostos por Lacan em seu seminário datado de 1964. São eles: inconsciente, pulsão, repetição e transferência. Este seminário possui grande valor para nossa pesquisa, pois funciona como um marco no ensino lacaniano de uma virada na elaboração do conceito de real, sem o qual o tema do trauma não pode ser abordado.

Reconhecendo a indissolúvel relação entre os conceitos, que será trabalhada sempre que possível, ressaltamos que essa divisão destina-se apenas para fins didáticos.

O terceiro capítulo abordará, brevemente, alguns conceitos importantes para a compreensão da questão do trauma a partir dos anos de 1970 no ensino de Lacan.

CAPÍTULO 1

FREUD E SUA ESCUTA INAUGURAL SOBRE O NÃO DITO: O TRAUMA

1. O trauma no nascimento da psicanálise

Podemos afirmar que a psicanálise nasceu com a questão do trauma. Esse conceito esteve presente desde o início das pesquisas freudianas, sendo a hipótese que possibilitou ao Freud articular, escutando seus pacientes, o conceito de inconsciente - ponto exato da especificidade da psicanálise. Os primeiros escritos freudianos foram sobre a histeria e possuem grande influencia das descobertas e opiniões de Jean- Martin Charcot, a quem Freud elegeu como professor e com quem ingressou nas pesquisas sobre as neuroses. Charcot pesquisava e trabalhava sobre os sintomas histéricos, sendo o responsável por uma ordenação que os retirou do caos em que se encontravam, no qual todas as manifestações eram agrupadas e a palavra de ordem era a simulação. Ele diagnosticou a um homem como histérico, fazendo vacilar a imediata associação da histeria com o órgão sexual feminino, tão comum àquela época (fim do século XIX). Identificou também a histeria traumática, que concebeu como efeito da vivência material de um evento traumático. O encontro com Charcot se deu quando, em 1885, Freud recebeu uma bolsa de estudos e escolheu o Hospício de Salpêtrière, em Paris, para suas pesquisas sob orientação de Charcot, cujos escritos muito lhe interessaram.

Essa experiência é um ponto de virada, atestando a busca de Freud por explicações que não se apresentavam e nem se esgotavam pela neurologia, sua área de pesquisa e atuação naquele momento. Esses escritos iniciais demonstram a transição do interesse cientifico de Freud em direção à psicologia e, no que mais tarde, se tornaria um novo método de tratamento que nomeou como psicanálise. A desvalorização com que eram tratados, pela medicina, os pacientes histéricos, abriu um campo importante de

investigação. Em uma de suas resenhas bibliográficas (FREUD, 1887), Freud fez uma importante crítica à formação clínica dos médicos para o exercício de suas práticas devido à ignorância quanto à neurastenia (descrita nesse momento como uma afecção patológica do sistema nervoso), que poderia ser considerada como uma das patologias mais comuns daquela sociedade. E no ano seguinte, Freud escreveu um artigo intitulado "Histeria", no qual investe seus esforços em uma diferenciação deste quadro em relação a qualquer adoecimento ligado à anatomia do sistema nervoso. Este fato era muito evidente nas paralisias orgânicas histéricas onde há o total desprezo pela arquitetura anatômica.

> Quando Freud aceitou a fala dos pacientes histéricos, cujo mal-estar no corpo contrariava a medicina, instalou as condições para um discurso inédito e abriu as portas para a psicanálise. Por não se situar como o mestre que sabe, deixou-se ensinar pelo que soava como mentira, escutando nela a verdade histérica: não se tratava apenas de falar, mas de demonstrar a conjunção entre a linguagem e o padecimento no corpo (CALDAS, 2008, p. 87).

No artigo supracitado, Freud definiu que o adoecimento histérico diz respeito a um aumento de excitação no sistema nervoso, gerando um excedente com o qual o sujeito precisa trabalhar. Segundo a hipótese formulada nesse artigo, os fatores envolvidos nesse excedente de excitação que atingia a mente estavam relacionados à vida sexual, devido à sua elevada significação psíquica (FREUD, 1888). Apesar desse reconhecimento, ainda demorariam alguns anos até que a sexualidade fosse relacionada de forma consistente à etiologia da histeria. Neste momento havia a preocupação de demonstrar a relação entre esse "excedente de estímulos" e as representações conscientes e inconscientes. Contudo, já é possível observar um papel de importância

das questões sexuais na etiologia da histeria, assim como em todas as neuroses. Reconhece-se também a importância do trauma. A noção de “trauma psíquico” foi introduzida por Freud nos Extratos das notas que fez de sua tradução de Charcot, das lições de terça; essa foi a primeira aparição do termo em seus escritos.

> O ponto central de um ataque histérico, qualquer que seja a forma em que este apareça, é uma lembrança, a revivescência alucinatória de uma cena que é significativa para o desencadeamento da doença. [...] O conteúdo da lembrança geralmente é ou um trauma psíquico, que, por sua intensidade, é capaz de provocar a irrupção da histeria no paciente, ou é um evento que, devido à sua ocorrência em um momento particular, tornou-se um trauma (FREUD, 1892-94, p.179).

Podemos considerar que quando Freud acentua que o aspecto traumático pode ser determinado não só pelo evento, mas também pelo momento particular, está colocada a dimensão da singularidade, essencial à questão do trauma. Dando continuidade às suas pesquisas, Freud concluiu em 1893, na conferência “Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos”: “[...] hoje não restam dúvidas de que, mesmo no caso do grande trauma mecânico da histeria traumática, o que produz o resultado não é o fator mecânico, mas o afeto de terror, o trauma psíquico” (FREUD, 1893, p.40). Pontua também, neste momento, a necessidade de se estender o conceito de histeria traumática, já que se trata não de um único trauma, mas de uma série deles que, por suas semelhanças ou por serem parte de uma mesma história de sofrimento vêem-se reunidos.

Toda histeria passa então a ser encarada como oriunda de um trauma psíquico: “[...] todo fenômeno histérico é determinado pela natureza do trauma” (ibid., p.43).

Adverte-nos, no entanto, de que a determinação do sintoma pelo trauma psíquico não é sempre tão clara, sendo muitas vezes possível encontrar apenas uma relação “simbólica” entre a causa e o sintoma, e que a defesa que o sujeito mobiliza contra o trauma alimenta o sintoma. O trauma, inicialmente, foi considerado como aquilo que, para ser superado, precisava ser ab-reagido, portanto ser objeto de uma elaboração psíquica. Contudo, o indicativo de que os sintomas eram passíveis de decifração e consequente desaparecimento era consistente na teorização daquele momento, mas não permanece até o fim da obra freudiana.

Nesse mesmo ano, em uma carta a Josef Breuer, com quem trabalhou nas investigações iniciais sobre a histeria, Freud propôs como condição para um ataque histérico: a magnitude da soma de excitação, o retorno de uma lembrança, de uma vivência que causou a irrupção da histeria - o trauma psíquico, e um estado de dissociação – uma clivagem do conteúdo da consciência. As recordações ou o conteúdo traumático não estariam em conexão associativa com a consciência normal, privados assim da possibilidade de serem liberados pelas associações; seriam lembranças inconscientes, pertencentes ao segundo estado de consciência (FREUD, 1893). Podemos situar nestas condições estabelecidas por Freud os primeiros passos para a teorização de conceitos *princeps* da psicanálise – a dimensão econômica, que embasará a noção de Princípio do prazer e Além do princípio do prazer, com a importante introdução da questão pulsional, o próprio trauma e a formulação do conceito de recalque.

Esse é um dos pontos onde localizamos o ineditismo freudiano, que repousa sobre a descoberta de um inconsciente no qual está centrado o sujeito dividido da psicanálise, que inclui a pulsão, a fantasia, a repetição e o sintoma. Colocando em seu cerne *das Ding* – o impossível, o umbigo dos sonhos, o trauma, Freud é preciso em localizar o conteúdo traumático no inconsciente, incluindo aí um ponto de não acessibilidade deste material à

consciência, garantido pelo recalque. O trauma está no cerne do inconsciente psicanalítico. Como veremos, esse conceito atravessa desde os mais primitivos escritos freudianos até o último ensino de Lacan. A obra freudiana é habilmente entrelaçada do início ao fim, e isto nos impõe uma decisão: optamos por privilegiar alguns de seus textos, conceitos e casos, dentre tantos, que nos fazem avançar na presente pesquisa.

O caso Emma, por exemplo, nos fornece as coordenadas da descoberta freudiana da relação entre trauma e sexualidade, introduzindo também a dimensão de temporalidade – o *a posteriori* do trauma; indispensável à psicanálise. O caso Emma foi escrito em 1895 e ilustra o capítulo II do “Projeto para uma psicologia científica”; época na qual explorava a dinâmica da histeria e centrava sua doutrina na teoria do núcleo patogênico constituído na infância, por ocasião de um trauma sexual real decorrente da sedução de um adulto. O trauma era considerado como um evento externo que adquiria sua dimensão traumática quando evocado por uma repetição análoga de uma cena anterior. Isso desencadearia o adoecimento no qual o sintoma surgiria como efeito de algum retorno do recalcamento de representações insuportáveis.

Emma não conseguia entrar sozinha nas lojas e acreditava que este impedimento era consequência de uma cena ocorrida aos 12 anos, logo após a puberdade. A lembrança que ela refere é a de, ao entrar em uma venda, observar dois empregados, um dos quais vivo em sua lembrança, rindo. Assustada Emma teria saído correndo.Nesta cena, ocorreu à Emma pensar que os empregados riam de seu vestido e que um deles lhe agradava sexualmente.Para Freud (1895), essa cena não é suficiente para explicar o sintoma, nem a compulsão. Ao longo da análise realizada com Freud, Emma acessou uma segunda lembrança: aos 8 anos ela esteve por duas vezes em uma confeitaria e na primeira o proprietário, rindo, agarrou-lhe, sobre sua roupa, as partes genitais. Ela relata

que na época, apesar disso, retornou uma segunda vez à venda e se reprova, pois isso lhe pareceu que desejava provocar um novo atentado.

A cena I (vendedores) articula-se com a cena II (confeitaria) e há entre elas um ponto associativo: roupas. É a cena I que confere à cena II seu valor traumático. O que provoca a excitação sexual com liberação de angústia não é a cena da confeitaria, e sim a lembrança. A angústia decorrente da representação-lembrança inconsciente durante a cena da loja que fez com que ela se sentisse ameaçada pelos vendedores e saísse correndo. Devido ao deslocamento, o elemento que penetra na consciência é roupa, que vai funcionar como símbolo, e o elemento recalcado é de natureza sexual. A ausência de efeitos traumáticos na cena II, no momento mesmo de sua ocorrência, deve-se ao fato de que na época, o conteúdo sexual não era apreensível pelo sujeito prematuro. Ao atingir a puberdade a lembrança adquire o estatuto traumático.

O eu, a quem caberia atenção para impedir a liberação de desprazer, não consegue exercer seu papel porque sua atenção se aplica às representações de percepção. Daí, Freud caracterizar o sintoma histérico como próton pseudos – primeira mentira, no sentido de tomar como premissa verdadeira a cena I quando ela apenas esconde uma verdade inconsciente - constituída na cena II, adquirindo o sentido de uma ação retardada, a posteriori (FREUD, 1985). Esse caso evidencia que foi através do sintoma histérico que Freud inicialmente descobriu o trauma: além da sua articulação com a sexualidade, a ligação entre as palavras e os corpos.

1.1. Trauma, sexualidade e fantasia

O caso Emma condensa de forma muito clara tanto a descoberta da relação entre trauma e sexualidade quanto à dimensão temporal incalculável e em um só depois. Ainda não era possível lançar mão do conceito de fantasia e o caso dialogava com a até então teoria sexual do trauma. Podemos verificar nesses passos iniciais, através da investigação da histeria, que a sexualidade logo impôs sua marca ao conceito de trauma na teorização da psicanálise. Inicialmente, a experiência sexual tinha um caráter traumático de base em todas as neuroses: "[...] cada uma das grandes neuroses que enumerei tem como causa imediata uma perturbação específica da economia do sistema nervoso, e que essas modificações patológicas funcionais têm como fonte comum a vida sexual do sujeito [...]" (FREUD, 1896, p. 148). A articulação entre a sexualidade e a pulsão encontra nesta afirmação, suas primeiras indicações. É no mesmo texto do qual retiramos essa citação "A hereditariedade e a etiologia das neuroses", que aparece pela primeira vez o termo psicanálise. Trata-se de um novo método que se dirigia aos caminhos do inconsciente: "O que confere um caráter distintivo a minha linha de abordagem é que elevo essas influências sexuais à categoria de causas específicas, reconheço sua atuação em todos os casos de neurose" (FREUD, 1896, p.149). Temos então o trauma, a sexualidade e a dimensão econômica articulados na origem das neuroses; é a teoria sexual do trauma deste momento.

Antes da formulação do conceito de fantasia a causa de um trauma sexual era baseada nas investigações de Freud sobre a sedução de uma criança por um adulto. Em seu artigo "Novas pontuações sobre as neuropsicoses de defesa", de 1896, Freud retomou de seu artigo com Breuer, que os sintomas histéricos são compreendidos se remetidos às experiências de efeito traumático relacionadas com a vida sexual do paciente. Afirmou que, nos casos analisados, havia experiências infantis traumáticas de

cunho sexual, que deixavam traços mnêmicos mobilizáveis na vida adulta, reafirmando que os histéricos sofrem de reminiscências. Esses traumas jamais irromperiam na consciência, mas provocariam um recalcamento e uma descarga de afeto. A esse texto ele acrescentou uma importante nota de rodapé, datada de 1924, a respeito da descoberta da fantasia (que fora comunicada a Fliess na carta 69 de 1897), na qual diz: “Não acredito mais em minha neurótica”, aludindo ao improvável fato de que todas as histéricas tenham sido submetidas, de fato, a um episódio sexual traumático. Recorrendo a outra grande descoberta de que: “[...] no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (id., 1897, p.310).

A recém descoberta realidade psíquica, condensada no termo fantasia, inclui o trauma, a sexualidade e o sintoma, tendo um efeito de elaboração e de defesa frente ao insuportável do encontro com o sexual, sendo independe da realidade material. Com essa formulação, Freud dispensa qualquer indício de concretude do trauma, até mesmo um suporte orgânico. O trauma se torna inquestionável pela universalidade da sexualidade e de seus efeitos, que no caso das neuroses é a promoção de um véu que proteja: a fantasia. Sabemos que a primeira teoria traumática, tal como era concebida, é modificada após a aparição desse conceito, mas o que isso que dizer? Miller nos aponta em seu livro sobre os paradoxos da pulsão, que o pivô da fantasia é o “não lembrado”, o que se é obrigado a reconstruir, mas que não se pode dizer.

A partir de 1897, com a formulação do conceito de fantasia, os sintomas já não são mais o efeito direto de um trauma; entre eles temos agora a fantasia; o trauma, no entanto, nunca é retirado da causa do sintoma. Pela fantasia o traumático pode ser comunicado em alguma medida, possibilitando ao sujeito a expressão de um evento traumático e auxiliando na formação do sintoma: “Se os pacientes histéricos remontam

seus sintomas e traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na fantasia, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática" (FREUD, 1914, p.27). O conceito de fantasia dá a Freud o acesso à concepção do aparelho psíquico, possibilitando o avanço de sua teorização. Ela é o conceito psicanalítico que reconhece a importância da realidade psíquica nas neuroses, possibilitando compreender uma não equivalência entre os fatos vividos e os efeitos deles para cada sujeito. A fantasia protege, velando algo de um perigo tanto interno - o pulsional, quanto externo. Ela oferece objeto à pulsão, produzindo um recorte que dirige a pulsão e a articula ao inconsciente.

Vimos como Freud desenvolve, partindo do trauma, o conceito sobre fantasia e a resposta em forma de sintoma, pontuou os primeiros indícios do que mais tarde se tornaria sua teoria das pulsões, e elaborou o conceito de recalque; pedra angular da teoria freudiana. Articula-os, muito precisamente, na medida em que concebe a fantasia como uma resposta ao encontro traumático do sujeito com o sexual, com a diferença anatômica diante da qual o neurótico responde, privilegiadamente, com a ação do recalque, construindo um véu que o proteja. A fantasia, enquanto resposta neurótica ao encontro com a diferença é uma operação tributária da castração; efeito desta. Freud recorreu à investigação das teorias sexuais formuladas pelas crianças em resposta a essa constatação e formulou a teoria do complexo de Édipo e da castração, avançando solidamente na afirmação da sexualidade como etiologia das neuroses.

1.2. Trauma, recalque e sintoma

Freud inicia seu artigo metapsicológico sobre o recalque afirmando a dificuldade em teorizá-lo, mas esclarece ser uma ação que incide sobre a pulsão com a finalidade de

evitar o desprazer que sua satisfação traria para um dos sistemas (consciente ou inconsciente), visto que a "satisfação" de uma pulsão sempre comporta um prazer. Trata-se de uma operação complexa que visa tornar uma pulsão inoperante; o recalque é, então, um dos destinos possíveis para a pulsão. Uma das situações onde o recalque seria acionado é frente à satisfação pulsional, conflituosa e incompleta. Essa satisfação invariavelmente causa prazer a um sistema e desprazer a outro, e caberia ao recalque agir quando a força do desprazer fosse maior do que o prazer obtido na satisfação (FREUD, 1915). O recalque é um mecanismo de defesa que denuncia a cisão entre inconsciente e consciente. Neste artigo Freud nos fala, a partir de observações clínicas, da hipótese de um recalque mais primitivo, ao qual denomina de recalque originário, e outro que denomina de recalque propriamente dito, destacando a importância do poder de atração que um núcleo primeiro teria sobre o material a ser recalcado.

O recalque originário seria o que antecede a tudo e estaria na origem da constituição do sujeito: "Com o advento posterior do conceito de recalque originário, o recalque foi elevado, por Freud, de um simples mecanismo de defesa para o nível de um *mecanismo constitutivo do inconsciente*" (JORGE, 2011, p. 22). O autor segue esclarecendo quem "Em 1915 [...] ao introduzir a ideia de um r*ecalque originário*, Freud precisará que este recalque primevo é uma primeira fase do recalque, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão" (JORGE, 2011, p.23). Freud destaca que a ação do recalque não elimina a pulsão, ao contrário, esta permanece ativa e forte no sistema inconsciente dando origem a derivados. O recalque age entre o representante pulsional e o sistema consciente, exigindo trabalho constante.

A experiência clínica demonstrou a Freud, como podemos pontuar no próprio caso Emma, que a cota de afeto pertencente ao representante é mais forte do que a vertente da ideia; sendo isso determinante para o recalque. Ele observa a incidência do recalque sobre a parcela do representante ideacional, sobre o qual frequentemente é criada uma formação substitutiva, deixando sintomas em seu rastro. O sintoma então nos indica uma operação que supões um retorno do material recalcado. Eles trariam em sua formação os derivados do recalcado, mas são, sobretudo, uma forma desse material acessar a consciência de forma distorcida. Em suas primeiras pesquisas acerca da histeria, Freud formulou o sintoma como uma resposta a um evento traumático que havia sido recalcado da consciência e localizava-se no inconsciente. Do sexual à fantasia e ao desamparo: o conceito de trauma passa por importantes formulações, mas nunca perde seu estatuto de origem em um sintoma. Para Freud, o traumático retorna para o sujeito dessa forma.

Em “A história do movimento psicanalítico”, escrita em 1914, Freud designa a teoria do recalque como “a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”, sendo um mecanismo estrutural e estruturante, ligado, desde o inicio das pesquisas freudianas, a noção de defesa. O recalque articula, em Freud, inconsciente e pulsão e por isso é nomeado como “pedra angular” da psicanálise. Trata-se de um processo ativo que tem como objeto a pulsão, numa tentativa direta de barrar a satisfação pulsional e proteger o eu; cabe ao sujeito recolher os efeitos dessa operação que, como já expomos, retorna em forma de sintoma.

1.3. Trauma, pulsão e repetição

Percebemos então, a partir do que foi abordado nos itens anteriores, que o conceito de pulsão e o papel de sua força para o funcionamento psíquico só poderiam ser

elaborado por Freud após as construções feitas até aquele momento. É datado de 1915 o primeiro artigo dedicado exclusivamente à pulsão. Freud anuncia tratar-se de um conceito ainda obscuro, mas indispensável. As questões discutidas durante anos sobre as pulsões dizem respeito a uma tentativa de discernimento entre uma naturalidade ou não, em um suporte ou não de um corpo biológico. Essa querela baseou-se na famosa formulação freudiana sobre a pulsão enquanto um conceito limite entre o somático e o psíquico, possibilitando uma ambigüidade em localizar a pulsão como o representante psíquico da vida somática. No entanto, o que Freud fez foi justamente nos fornecer os caminhos desse corpo pulsional, amplamente denunciado pelas histéricas e que alcança seu maior desenvolvimento nas questões trabalhadas sobre o corpo no fim do ensino de Lacan. Mas é Freud quem nos fornece esse corpo. Uma operação importante e que se encontra intimamente ligada a esta afirmação, foi feita por Freud ao conjecturar sobre as pulsões situando o sexual na esfera pulsional; um trabalho que ele vinha elaborando desde 1905 no essencial “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, no qual deixou claro que a libido é uma expressão da pulsão sexual, na verdade sua energia.

Aquilo que podemos situar sobre as pulsões em 1915 é que se trata de um conceito entendido como um estímulo que atua sobre o aparelho psíquico, proveniente de uma fonte interior que age de forma constante e irremovível. Nesse momento o princípio do prazer é nomeado como o regulador da vida psíquica. Resumidamente: ele diz respeito à série prazer – desprazer, onde o aumento de excitação é sentido como desprazer e a diminuição como prazer (FREUD 1915). A pulsão é definida como uma pressão constante por exigência de trabalho que visa à satisfação, por meio de um objeto sempre variável e não vinculado a ela. A pulsão se utiliza do objeto para alcançar sua meta e este pode servir a varias pulsões. Propondo-se um exercício de encontrar as mais originárias fontes da pulsão, Freud as classifica, inicialmente, como pulsões do eu, ou de

autoconservação e as pulsões sexuais, ressaltando que manterá essa classificação enquanto for útil para elaboração do conceito em voga, e remetendo essa divisão à observação do conflito entre as exigências sexuais e as do eu, presente nos casos de neurose. Uma das indicações mais importantes de Freud em relação às pulsões repousa em sua insatisfação, já que uma pulsão só pode ser parcialmente satisfeita, nunca toda (FREUD, 1915).

A questão das pulsões permanece obscura e Freud as retoma cinco anos mais tarde em “Além do princípio do prazer”, onde foi obtida uma classificação decisiva sobre as pulsões. Vemos nesse texto uma ampla discussão a respeito da origem e função do fenômeno da “compulsão à repetição”, facilmente observáveis no comportamento infantil, no tratamento psicanalítico e nos sonhos traumáticos. Quanto a isso, Freud nos fornece um exemplo princeps através do Fort-Da - brincadeira que ele observou seu neto criar e que consistia em arremessar longe um carretel e em seguida trazê-lo de volta, verbalizando fort-da. Essa brincadeira se repetiu inúmeras vezes, logo após a saída de sua mãe, oferecendo à observação de Freud um valioso material a respeito da repetição como resposta à angústia surgida com a separação do objeto amado- a mãe. Ao considerar a repetição presente em suas observações, dirigindo sobre ela seus interesses, Freud avançou nos estudos sobre o trauma. Para tanto, trabalhou também sobre as chamadas neuroses de guerra, sob a influência histórica dos efeitos da primeira guerra mundial.

Isso se deu em seu texto de 1920, o segundo a tratar especificamente do aspecto pulsional e considerado como ponto de virada em relação a esse conceito. Nele, Freud associa os termos: trauma e compulsão à repetição a uma independência, a um além em relação ao princípio do prazer. Isso se dá com a introdução de uma pulsão nomeada como pulsão de morte, situada como derivado da natureza mais íntima das pulsões e

poderosa o bastante para desprezar o princípio do prazer (princípio regulador do funcionamento psíquico).As manifestações de uma compulsão a repetir foram atribuídas ao material recalcado e apresentam um caráter pulsional, reunindo tanto o desprazer, que se relaciona com o eu, quanto o prazer, que se relaciona com o inconsciente. Mas isso o sintoma já presentificava. O que é notório nesse ato é a recorrência de uma série de situações que jamais foram prazerosas; a compulsão, uma pulsão mais primitiva, que vai além do princípio do prazer.

Outro princípio descrito nesse texto é o da realidade. Ele é consequência de uma mudança no princípio do prazer, pela ação do eu em relação às pulsões, e responsável pelo adiamento das satisfações pulsionais e pela tolerância momentânea do desprazer, visando obter aquilo de que nunca abriu mão: o prazer. Essa operação, contudo, não justificaria toda a fatia de desprazeres observada na vida de cada sujeito (FREUD, 1920). O que observamos nesse momento em Freud, é uma tentativa de localizar algo que dê conta de explicar o desprazer e a compulsão à repetição. É a partir disso que ele chega ao conceito de pulsão de morte; um conceito formulado a partir de observações clínicas onde a repetição, impossível de ser significada, se apresenta buscando uma satisfação. Ela já aparecera atrelada aos fenômenos da clínica, mas é aqui que toma contornos de uma pulsão e impõe uma nova divisão, agora entre Eros e as pulsões de morte. A compulsão à repetição, que apóia o que Freud formula como pulsão de morte, é um ponto no qual algo escapa, não fazendo sintoma (um modo inconsciente de dizer), mas que se faz presente. A repetição não é um retorno dos signos, uma reprodução ou alguma rememoração; ela é algo que se apresenta velada na experiência de análise, não interpretável.

Os repetidos pesadelos e as crises de angústia reiteravam, incessantemente, uma experiência traumática que se mostrava claramente na clínica, evidenciando o trauma em

seu caráter real, impossível de simbolizar. A pulsão pressiona sempre avante, indomável e Lacan deu ênfase a essa indicação freudiana afirmando que na satisfação da pulsão entra em jogo a categoria do impossível, sendo precisamente nesse impossível, o real em jogo na pulsão, que reside sua característica mais primordial. Esse quadro levou Freud a rever a soberana relação entre trauma e sexualidade e constatar que a sexualidade humana é pulsional, com todas as consequências que seu caráter parcial, de falta de objeto, de uma satisfação nunca plena e orientada por uma força constante que a pulsão nos impõe. A evidência da pulsão de morte, predominantemente silenciosa, poderosa, porém silenciosa, só se mostra claramente nos estados graves, quando a fantasia está rarefeita e algo do real que ela "embaçava" aparece descortinada, sendo necessário um reestabelecimento da relação do sujeito com o objeto, através da fantasia.

Há um vasto número de trabalhos que se dedicaram aos estudos da pulsão, mas nos deteremos ao que nos interessa nesta pesquisa: sua articulação com a linguagem. Miller em 1994, em "Silet – Os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan", reserva um capítulo para falar sobre linguagem e pulsão. Neste livro, ele elabora uma importante pergunta acerca do que Lacan teria feito com o conceito crucial da pulsão freudiana, fazendo também interrogar o que acontece com a pulsão na fala. Sobre isso, Vieira nos diz:

> "[...] partiremos do princípio que a pulsão deve ser situada a partir da linguagem, como algo que circunscreve este real. Esta leitura lacaniana, sobretudo a que define a pulsão como um real circunscrito em sua relação ao grande Outro da linguagem, se estabelece ao longo de todos seus trinta anos de ensino em seminário" (Vieira, 2004).

Para Lacan, a pulsão conforme descrita por Freud se reduziria em apenas uma, a pulsão de morte. Para ele essa pulsão teria em sua dinâmica tanto a destruição quanto a recriação. Ele extraiu da pena de Freud a noção de *das Ding*, a Coisa. O que Lacan aponta é que a pulsão de morte visa a Coisa.

1.4.Trauma, das Ding *e angústia*

Das Ding é um termo que apareceu já nos escritos iniciais de Freud, em “Projeto para uma psicologia científica” de 1895, tendo relação com a experiência do desamparo, descrita neste mesmo texto e amplamente trabalhada 31 anos mais tarde, em “Inibição, sintoma e ansiedade”.O desamparo é a condição primeira na qual um ser humano se encontra ao nascer. Diante de sua precariedade e falta de recursos físicos e psíquicos que garantam sua sobrevivência, o bebê humano necessita do outro para lhe prover os cuidados e se interessar por ele. Um outro que, sensibilizado por sua impossibilidade de se defender das excitações que atingem seu corpo de modo avassalador, queira acolhê-lo diante de seus gritos e choro. O grito configura-se então como primeiro apelo ao outro. O bebê necessita do Outro, usando a terminologia lacaniana, para tornar-se sujeito.

Necessitará de um objeto que lhe dê amparo e diminua o mal-estar provocado pela “separação” desse Outro. Esse objeto então lhe protegerá, e essa situação criará a necessidade de ser amado, que acompanhará o sujeito pelo resto de sua vida. É o que Freud chamou de “Experiência do *Nebenmensch*”, ou ”complexo do próximo” (FREUD, 1895).Esse Outro, contudonão será capaz de sanar toda a avalanche de estímulos que atingem o humano. Algo escapa, resta no real - *das Ding*. Freud, no texto do “Projeto”, descreve a experiência com o próximo em duas vertentes: “[...] num componente não assimilável (a Coisa) e num componente conhecido do ego através de sua própria

experiência (atributos, atividades) – o que chamamos de compreensão" (FREUD, 1895, p. 491). Isto é, uma parte resta no real e tem relação com *das Ding*; e, a outra que promove alguma satisfação, entrando, por isso, no processo de memória - representações. A partir disso, podemos compreender que *das Ding* é aquilo que cai da experiência do sujeito com o *Nebenmensch*. "O *Ding* é o elemento que é, originalmente, isolado pelo sujeito em sua experiência do *Nebenmensch* como sendo, por sua natureza, estranho, *Fremde*" (LACAN, 1959-60, p. 68). Estranho, assustador, resto caído no real do encontro do humano com o próximo.

Lacan trabalha a noção de *das Ding* ao longo de seu seminário sobre a Ética da psicanálise, justamente por sua articulação com o desejo. *Das Ding,* enquanto o êxtimo mais primitivo funcionará como balizador do movimento do sujeito em torno do mundo de seus desejos. Extimidade é um neologismo lacaniano criado para falar de *das Ding*: "O *Ding* como *Fremde*, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito" (LACAN, 1959-60, p. 69). Na tentativa de situar *das Ding*, ele nos diz:

> "[...] *das Ding* no centro, e em volta o mundo subjetivo do inconsciente organizado em relações significantes, para vocês verem a dificuldade de sua representação topológica. Pois esse *das Ding* está justamente no centro, no sentido de estar excluído. Quer dizer que, na realidade, ele deve ser estabelecido como exterior, esse *das Ding*, esse Outro pré-histórico impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob a forma de alguma coisa que é *entfremdet*, alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível do inconsciente, só uma representação representa" (ibid., p. 92).

Como âmago externo do eu - exterior íntimo: êxtimo. E toda a busca do sujeito vai à direção de reencontrar *das Ding*, a Coisa, o "Outro absoluto do sujeito" (Ibid.). A questão é que esse objeto é, desde o início, perdido. O sujeito vai em busca de encontrar aquilo que não pode jamais ser reencontrado. O encontro com *das Ding* suporia o prazer supremo, o extremo do prazer, a própria morte; encontrar *das Ding* seria tocar a morte. Mas é justamente a busca desse reencontro que move o desejo humano.

> A palavra êxtimo nos faz lembrar o *Unheimlich*, o estranho familiar, que Freud usa em seu texto O estranho (1919). Ambas parecem carregar certa ambiguidade. Ambas parecem portar a noção de interior e exterior acontecendo juntos. Ambas são capazes de conjugar o fora e o dentro. Ambas apontam para algo da ordem do real. Êxtimo: o mais íntimo, o mais particular, o mais interior, mas que está excluído, fora. *Unheimlich*: aquilo que é estranho, estrangeiro e familiar ao mesmo tempo. Enquanto "fratura constitutiva da intimidade" (Miller, 2010, p. 17), o falante tem certa dificuldade para aceitar a extimidade como algo seu, pois se revela como o elemento do real que traz consigo as marcas do horror (SEGANFREDO E CHATELARD, 2014, P. 63).

Marco Antônio Coutinho Jorge (2011) nos esclarece, dizendo que *das Ding* é o objeto perdido da espécie humana, diferenciando - o do objeto *a* que é o objeto perdido da história do sujeito. Enquanto o primeiro está ligado à pré-história e, portanto, a um momento mítico, o segundo liga-se à história do sujeito.Lacan situa *das Ding* em um lugar anterior ao recalque, chamado, originalmente, de o "fora-do-significado", pleno de vazio. Não seria este o lugar do real? Trata-se de uma "realidade muda" que comanda e ordena. Realidade muda de significados, de significantes, árida, mas que, ao mesmo tempo,

fornecedora das coordenadas e diretrizes. Como já dissemos, este reencontro é da ordem do insuportável, mas que atrai o sujeito, promovendo o movimento, o desassossego do sujeito em busca de seus desejos. *Das Ding* nos torna desejantes, mas encontrá-la, nos mortifica. *Das Ding* delineia-se no além do princípio do prazer; lugar do gozo.O sujeito se dirige à Coisa, buscando reencontrar a plena satisfação, mas para manter-se vivo, deve encontrar antes disso um limite, a castração. E deve suportar esse limite, ou seja, suportar o desejo como falta radical para permanecer desejante.

A angústia, como bem trabalhada por Freud em 1926, pode ser compreendida como esse limite que paralisa o sujeito nesse caminho em direção à morte, nessa busca pela Coisa. Nesse texto de 1926, Freud retoma a discussão em relação ao desamparo, e nessa retomada temos uma novidade sobre a teorização do trauma, incluído a discussão sobre a angústia. O trauma aparece aí como efeito do desamparo e a angústia como um sinal do ego à ameaça de uma situação traumática. O perigo passa a ser caracterizado pela separação ou perda de um objeto amado ou de seu amor; isso implicaria em uma não satisfação e uma falta de proteção frente ao desamparo.

> O determinante fundamental da ansiedade automática é a ocorrência de uma situação traumática; e a essência disto é uma experiência de desamparo por parte do ego face de um acúmulo de excitação, quer de origem externa quer interna, com que não se pode lidar (FREUD, 1926, p. 85).

A angústia passa a ser compreendida tanto como um sinal a uma situação de perigo, traumática, quanto um produto do desamparo psíquico. A angústia neurótica diz respeito a um perigo desconhecido; Freud afirma que este se refere a um perigo

pulsional. Sua indefinição e falta de objeto pertencem à situação traumática de desamparo (FREUD, 1926).

> Seguindo essa sequência, ansiedade — perigo —desamparo (trauma), podemos agora resumir o que se disse. Uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como um sinal em busca de ajuda (ibid., p.162).

Essa nova formulação no estudo do trauma o localiza, novamente, em uma experiência universal, visto que o desamparo é fruto da condição humana. É para todos.

2. Algumas pontuações sobre a retomada inicial de Lacan do conceito freudiano de trauma

Após apontarmos alguns momentos importantes sobre o trauma na obra de Freud, podemos afirmar que, para ele, o trauma retorna para o sujeito através da fantasia, do sintoma, da repetição e da angústia.E para Lacan, como retorna o trauma para o sujeito? E de que modo ele se origina?Com Lacan poderemos incluir o traumático como encontro com o desejo do Outro. Essa operação produz um resto inassimilável que retorna na forma de sintoma, quando recortado pela fantasia; ponto onde algo da ordem do traumático pode ser comunicado. Aquilo que aparece na análise, mas que não está circunscrito pela fantasia ou pelo sintoma - trata-se do real, do trauma. Um significante que marca o sujeito e que, embora possa ser encadeado discursivamente, produz um corte entre o que pode ser elaborado, simbolizado porque está no recorte da fantasia e do

sintoma, podendo, portanto ser historicizado; e aquilo que age a partir da pulsão e do gozo dirigindo o sujeito para o ato e para a repetição.

Assim como Freud, Lacan também iniciou seu ensino atento à fala e à linguagem. Em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, proferida em 1953, Lacan estabeleceu um marco de início para o seu ensino, delimitando as articulações entre fala e linguagem tanto ao surgimento do sujeito quanto a condição, *sine qua non,* de uma análise: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente” (LACAN, 1953, p.248). Reconhecemos nesta afirmação lacaniana, os primórdios das pesquisas freudianas. Logo nas hipóteses iniciais sobre o tratamento das neuroses, mesmo ainda sobre a influência da hipnose, a fala encontrou uma função central.

No artigo “Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos”, Breuer coloca como uma reação apropriada à excitação provocada por representações muito nítidas e irreconciliáveis, a comunicação pela fala. Ressalta que a negativa dessa saída pode convertê-la num fenômeno somático, tal como acontece com a excitação pertinente aos afetos traumáticos. Seria uma operação de “*traduzir o afeto em palavras*” (BREUER, 1893 -95, p. 240).“É como se houvesse a intenção de expressar o estado mental através de um estado físico; e o uso lingüístico fornece uma ponte pela qual isso pode ser efetuado” (FREUD, 1893, p. 42, 43).

Uma das questões que corroborou para o abandono, por parte de Freud, da hipnose, foi a descoberta de que na formação de um sintoma, tratava-se não de uma, mas de várias impressões traumáticas e que havia um jogo de forças inconscientes dificultando o tratamento a partir desse método, que não traria toda essas conexões e eliminava a ação da resistência, ocultando suas forças. Além disso, o sujeito nada se recordava do que havia dito e, tendo em vista a importância da construção que o sujeito

faz de sua história, esse discurso esquecido que propunha a hipnose pôde ser abandonado.Com essa mudança, Freud pôs o sujeito a falar em associação livre, apostando nisso o acesso a algo do inconsciente, do traumático e da fantasia. Através dessa única regra à qual o sujeito precisa estar submetido em uma análise, temos notícias de que o material inconsciente nunca deixa de se fazer presente. Foi necessário dar lugar à economia psíquica no tratamento, através do discurso do sujeito, para que fosse possível incluir o ponto de limite onde a fala não avança, incluindo o que extrapola a possibilidade de dizer.

A esse respeito, Lacan, em seu primeiro seminário, nos diz: “Freud, no fim dos *Studien über Hysterie*, define o núcleo patógeno como o que é procurado, mas que repele o discurso – aquilo a que o discurso foge. A resistência é essa inflexão do discurso ao se aproximar desse núcleo” (LACAN, 1954, p. 54), e segue dizendo:

> “[...] para que o recalque seja possível, é preciso que exista um para além do recalque, algo de derradeiro, já constituído primitivamente, um primeiro núcleo do recalcado, que não só não se revela, mas que, por não se formular, é literalmente como se não existisse – sigo aí o que diz Freud. E, entretanto, em certo sentido, está em algum lugar, porque, Freud nos diz isso em toda parte, ele é o centro de atração que chama para si todos os recalques ulteriores” (LACAN, 1954, p.63).

E, mais adiante, complementa: “As formas que toma o recalque são atraídas por esse primeiro núcleo, que Freud atribui então a uma certa experiência, a que chama a experiência original do trauma” (ibid). As relações entre trauma e recalque aparecem em Freud desde o início:“[...] temos todo o direito de descrever a repressão, que está na base

de cada neurose, como uma reação ao trauma — como uma neurose traumática elementar" (FREUD, 1919, p. 226). Lacan faz referência a essa ligação tão íntima entre trauma, recalque e sintoma, que se faz notar em todo percurso freudiano.

> O trauma, enquanto tem ação recalcante, intervém só depois, *nachträglich*. Naquele momento, algo se destaca do sujeito no próprio mundo simbólico que ele começa a integrar. Daí por diante, aquilo não será mais algo do sujeito. O sujeito não o falará mais, não o integrará mais. Não obstante, ficará lá, em alguma parte, falado, se é que se pode dizer, por algo de que o sujeito não tem o controle. Será o primeiro núcleo do que chamaremos, em seguida, os seus sintomas (ibid., p.251).

Haveria, já nesse momento, um apontamento do que mais tarde seria elaborado como o traumático da entrada do sujeito no campo da linguagem, possibilitada pela ordem simbólica, mas em seu ponto de real?A respeito da articulação entre trauma e um ponto de real presente no simbólico, Laurent nos diz:

> Em primeiro lugar, portanto, o trauma é um buraco no interior do simbólico. O simbólico está aqui colocado como o sistema das *Vorstellungens* através das quais o sujeito quer encontrar a presença de um real. O simbólico inclui aí tanto o sintoma em seu envoltório formal quanto aquilo que não chega a fazer sintoma, ou seja, esse ponto de real que permanece exterior a uma representação simbólica, quer ela seja sintoma ou fantasia inconsciente. Ele permite figurar o real em «exclusão interna ao simbólico». «Assim, o sintoma pode aparecer como um enunciado repetitivo sobre o real (…). O sujeito não pode responder ao real a não ser fazendo dele sintoma. O sintoma é a resposta do sujeito ao traumático do real. Esse ponto de real, impossível de se absorver no simbólico, é a angústia entendida num sentido generalizado, que inclui a angústia traumática (LAURENT, 2014).

O trauma seguiria sendo um excesso que atravessa a fantasia do sujeito em direção ao real; uma invasão de gozo sem sentido, e mesmo na tentativa de construir um sentido, algo resta deste gozo, um gozo a mais. Há algo que o sujeito consegue articular na estrutura significante, mas sempre resta um excesso de gozo. Laurent, afirma que a saída para uma possível regulação desse gozo é o sintoma, uma forma de tratamento do trauma.Temos então um ponto de real que ex-siste (termo que Lacan toma de empréstimo de Heidegger) ao simbólico, e que não faz sintoma. Como então se apresenta esse ponto não simbolizável em um trabalho de análise?Apesar de podermos localizar um ponto de não simbolizável tanto no sintoma quanto na fantasia, é, por excelência, através da pulsão em termos freudianos e do gozo em termos lacanianos, que podemos situar esse ponto não simbolizável, mais próximo do real em um trabalho de análise.

O sintoma pressupõe uma articulação possível com o simbólico que, mesmo quando inexplicável, é possível situar uma repetição, uma recorrência de posição do sujeito frente ao Outro. Ele apesar de guardar um ponto inacessível, não o é de todo. Segundo Freud, antes de 1920 o sintoma também é compreendido como a realização de um desejo, que é sempre sexual. Este, no entanto, aparece em uma versão mais aceitável. Desse modo, o sujeito que sofre com seu sintoma não reconhece nele uma satisfação. A partir de 1920 o conceito de sintoma passa a ter duas faces: o sintoma como efeito lacunar, como mensagem, passível de interpretação, e o sintoma como satisfação pulsional, que é o que resiste ao tratamento analítico. Lacan, em certa medida mantêm as duas definições freudianas considerando o sintoma como uma mensagem endereçada ao Outro, como modo de gozo e acrescenta o sintoma como produção, como invenção do sujeito frente ao impossível. Sobre a fantasia podemos localizar, especialmente através

do conceito de travessia da fantasia elaborado por Lacan, uma possibilidade de abordagem da mesma, isto porque a fantasia delimita uma fronteira entre o incomunicável que é da ordem do real, do traumático e o material que fornece visando defender o sujeito de deparar-se com esse real, insuportável – o real da diferença sexual, que auxilia, desde os termos freudianos, na formação do sintoma.

Lacan recorreu ao termo gozo para tratar o conceito freudiano de pulsão. Embora ambos não se equivalham e nem se complementem, esse termo constitui um novo entendimento da economia psíquica a partir da linguagem. Para ele, o trauma é a linguagem que marca o corpo e produz gozo. O que funda o sujeito é o que o traumatiza. Linguagem e trauma se articulam neste sentido.

Como nos esclarece Jorge:

> Para Lacan, a pulsão deve ser concebida como o efeito da demanda do Outro, da linguagem, em sua mais precoce incidência sobre o sujeito ainda nem mesmo constituído enquanto tal. Assim, postula que o movimento pulsional só é passível de ser compreendido em sua especificidade caso seja referenciado à lógica do significante, com a qual ele fornece uma estrutura formal para o inconsciente freudiano. O fato de que as pulsões constituem “o eco no corpo do fato de que há um dizer” representa um dos mais importantes fundamentos da concepção psicanalítica da sexualidade. E coube a Lacan o mérito de explicar precisamente essa via da “relação entre linguagem e sexo” (2011, p. 52).

CAPÍTULO 2

TRAUMA E REAL: UM ESTUDO DO SEMINÁRIO 11 DE LACAN

O conceito de trauma surge nas investigações iniciais de Freud e percorre toda a sua obra. Lacan, em seu ensino, fornece ao trauma uma investigação mais profunda, possibilitada pelo estudo dos conceitos freudianos e a elaboração de novos conceitos. O trauma que, já em Freud, possui lugar de base na constituição do sujeito, ganha com Lacan o estatuto de contingência que funda esse sujeito.Há uma distinção importante entre experiências traumáticas e o trauma fundante. Este, enquanto acontecimento singular, imprevisível, estruturante e do qual nenhum ser falante escapa,é o trauma estruturalconcebido pela psicanálise. Impossível de nomear, ele está na origem, onde o sujeito se constitui como resposta a este traumático encontro contingente e necessário com a linguagem.

As experiências traumáticas, assim como a violência cotidiana,são acontecimentos de outra ordem, já que algo violento não é necessariamente traumático, menos ainda a origem do trauma.Nem todos os expostos à mesma situação serão traumatizados.Freud e Lacan não relacionam a concepção de trauma à simples experiência de acidente. Uma experiência, mesmo que assolando um grande número de pessoas, ressoará de modo único para cada uma.É preciso uma operação por parte do sujeito, na qual, ao narrar sua experiência a respeito de um evento, ele o fará através de uma determinada montagem, através de uma operação subjetiva que inclui sua história e sua fantasia.

Deparamo-nos, no entanto, com uma exigência atual de “mapear”, descrever a violência e as experiências traumáticas, como que sendo possível arrancar dessa vivência um discurso que sirva a todos, um discurso completo, retilíneo, onde tudo seria supostamente sabido; no qual, no entanto, é exatamente o sujeito quem desaparece. Isso

seria desconsiderar que cada um reage com sua singularidade frente às situações mais extremas.Jáo discurso próprio da psicanálise é o que inclui o sujeito, em sua hiância, em seu corte operado pelo significante, com sua fantasia e que comporta algo de indizível e também inominável. É este precisamente o ponto em que se diferencia de qualquer outro discurso.

Para a psicanálise um acontecimento traumático não é da ordem de uma realidade a ser revelada. O trauma impõe invariavelmente uma perda, que marca e âncora o ser numa falta. Tudo dizer, tudo ver, tudo lembrar, tudo saber, ameaçaria o sujeito em sua existência, pois, ancorando-se no que lhe falta, o tudo levaria a dissolução de si. No ensino de Lacan, encontramos pontuações preciosas sobre este tema em diversos momentos, sobretudo, no Seminário 11, quando ele aponta que o trauma é um encontro faltoso que promove uma ruptura, uma descontinuidade, na associação entre os significantes que estão na cadeia simbólica.

Neste seminário de 1964, Lacan apresenta o real como trauma e, assim como nos indica Marie-Helene Brousse em 1997, ele funciona como elo entre o ensino de Freud e o de Lacan, tendo função tanto de retomada de Freud quanto de apontamento para o que Lacan formulará de novo a respeito do real. Outra questão que nos convoca a trabalhar com este seminário é a escolha de Lacan em, falando dos conceitos fundamentais da psicanálise, falar da constituição do sujeito; o que implica tratar do trauma e do real. Ainda que esses termos não apareçam entre os quatro conceitos eleitos por Lacan, não é possível abordá-los sem considerara os conceitos que Freud nos desnudou: o inconsciente, a repetição, a pulsão e a transferência.

Trata-se de um seminário muito próximo da pratica clínica e logo em sua aberturaa psicanálise é definida como uma práxis, como uma ação realizada pelo homem, que o

põe em condições de tratar o real pelo simbólico (Lacan, 1964 p. 14). Temos então, logo de saída, a psicanálise como um tratamento para o real, e a relação entre trauma e real é abordada de forma ímpar nesse momento. Ao elaborar, a respeito da *Vorstellungsrepäsentanz*, tomado como o determinante essencial quando Freud fala do inconsciente, não como o representante representativo, e sim como o lugar-tenente da representação, Lacan diz (a respeito do sonho onde o sujeito ouve: *Pai, não vês que estou queimando):*

> "O real, é para além do sonho que temos que procurá-lo – no que o sonho revestiu, envelopou, nos escondeu, por trás da falta de representação, da qual lá só existe um lugar-tenente. Lá está o real que comanda, mais do que qualquer outra coisa, nossas atividades, e é a psicanálise que o designa para nós" (ibid., p. 65).

Essa colocação marca a relevância do estudo do real para a prática da psicanálise, e sua articulação com o conceito de trauma aparece igualmente clara quando Lacan aponta como fato notável que "... na origem da experiência analítica, o real seja apresentado na forma do que nele há de inassimilável – na forma do trauma". (Lacan, 1964 p. 60). O trauma seria então o real enquanto inassimilável?

2.1. Real e trauma

Há certa equivalência na leitura lacaniana de Freud entre os termos eu, isso e supereu, que aparecem na segunda tópica freudiana e os termos real, simbólico e imaginário; trata-se de uma repartição dos elementos em jogo em uma análise e na teoria

analítica. Miller, em sua conferência intitulada “O real é sem lei”, nos fornece uma definição pontual, na qual aquilo que é dado e possui certo valor bruto, está articulado ao real, enquanto aquilo que pertence ao imaginário é a representação concebida como imagem. Já o simbólico comporta o campo articulado e estruturado como uma linguagem.

O real está relacionado ao resto, àquilo que tanto o simbólico quanto o imaginário são incapazes de capturar; trata-se do impossível. O real, sendo mudo na medida em que não pode ser falado, não engana, não mente. Diferente do campo simbólico que organiza a cadeia significante, o real promove aí uma falta: são os restos não eliminâveis pela articulação significante. Através da fala, enquanto condição de uma análise, podemos capturar algum indício daquilo que é da ordem do real, mas nunca o real. Trata-se de uma fala que suporte alguma ausência de sentido, destituído de qualquer racionalidade,não se coaduna com a realidade e retornasempre, pois, não podendo se incluir na cadeia escapa no estante seguinte. O real desorganiza, fazendo estatelar a certeza, o saber e o sentido.

Nenhuma práxis, mais do que a psicanálise, é orientada para aquilo que, no âmago da experiência, é o núcleo do real. Esse real, Lacan olocaliza no que vai do trauma à fantasia, e aparece muito claramente em duas passagens desse seminário, nas quais ele afirma ser em relação ao real que funciona o plano da fantasia: “O real suporta a fantasia, e a fantasia protege o real” (ibid., p. 47). E mais adiante: “... a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição” (Lacan, 1964, p. 64). A articulação que Lacan apresenta entre trauma, real e fantasia, não deixa de estar referida ao ponto de virada na obra freudiana sobre a descoberta da fantasia, que promoveu toda uma mudança na teorização do trauma em Freud.

> “Lacan mostrou que o trauma é o próprio sinal do encontro com o real, mas enquanto que aquele encontro é faltoso, como o atesta a repetição. Ao mesmo tempo, ele indica que não temos um acesso direto ao trauma do real. Assim, o que designa o termo do trauma já é infiltrado pela fantasia. Entre o sujeito e a realidade da sexualidade existe esta tela que guarda o traço de sua inserção no real da sexualidade. Mais além dos traumas vindos dos acontecimentos da realidade, existe sempre uma outra realidade, mais impossível de apreender: a realidade sexual. O que explica por que o encontro com a realidade tal como ela se apresenta na cena original, pode ser traumática. Lacan descreveu esta cena como o encontro pelo sujeito de um significante traumático que aparece como um sem sentido, qualquer coisa que não se liga a sua experiência”(LA SAGNA, 2015, p. 9).

Freud chega ao conceito de fantasia na tentativa de dar conta daquilo que encontra nos quadros histéricos e que é da ordem do sexual. Lacan, nisso, é claro: Não há um significante que represente o sexual para o inconsciente.O que há é a falta, a falta de um significante que dê conta da diferença sexual. É nesse nível que está situado o mau encontro central, onde podemos falar de trauma, visto que a realidade do inconsciente é sexual: “Há uma afinidade dos enigmas da sexualidade com o jogo significante. É pela realidade sexual que o significante entrou no mundo” (Lacan, 1964, p.149). O sujeito procura por sua parte perdida, perda necessária à sua ascensão ao estatuto de sujeito, constituída por ser ele um ser sexuado, logo, não imortal. Por isso Lacan reduz as pulsões freudianasà pulsão de morte, que representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado. Mas seu caráter parcial a impede de representar a totalidade da tendência sexual.

> “Que seja a pulsão, a pulsão parcial, que então o oriente, que só a pulsão parcial seja o representante, no psiquismo, das conseqüências da sexualidade, aí está o signo de que a sexualidade se representa no psiquismo por uma relação do sujeito que se deduz de outra coisa que não da sexualidade mesma. A sexualidade se instaura no campo do sujeito por uma via que é a da falta” (Lacan, 1964,p.200).

O sujeito surge da estrutura do significante, do que Lacan chamou a função do corte (202), e a relação que estabelece com o Outro se funda por inteiro num processo de hiância, nesta falta original, na qual não há meios desse sujeito sexuado se situar como ser macho ou fêmea. Situar-se em um ou em outro campo estão em coordenadas colocadas no campo do Outro – Freud trabalhou essa questão através conceito de Édipo. Há em jogo nessa origem marcada pela falta, a dependência do sujeito em relação ao significante, que está inicialmente situado no campo do Outro. Mas há uma falta ainda anterior a esta e a qual ela retoma: Lacan chama de falta real, onde situao advento do vivo na reprodução sexuada. “A falta real é o que o vivo perde, de sua parte de vivo, ao se reproduzir pela via sexuada. Esta falta é real, porque ela se reporta a algo de real que é o que o vivo, por ser sujeito ao sexo, caiu sob o golpe da morte individual” (ibid., p. 201).

Esse encontro com o Outro é marcado por uma falta que diz respeito à impossibilidade de representação do Outro, já que não há significante que dê conta desses mundos opostos que a sexualidade nos designa no masculino e no feminino; há sempre um resto na representação sexual do sujeito no Outro e a primeira falta diz respeito á essa impossibilidade de ser inteiramente representado no Outro. É esse resto que define o ser sexualmente definido do sujeito – é o $. Esse resto está tanto par o sujeito quanto para o Outro.A pulsão é, desde Freud, a possibilidade de lidar com a

sexualidade incluindo a impossibilidade de representação, sendo o meio pela qual ela exerce sua atividade, através das pulsões parciais. Temos assim, a noção de falta, enquanto constituinte, como o que fia e desfia uma série de conceitos articulados ao inconsciente, e que comportam algum ponto de impossibilidade, como o desejo, o objeto a e o gozo.

2.2. *Real, trauma e Inconsciente*

> "Em meu relatório de Roma, procedi a uma nova aliança com o sentido da descoberta freudiana. O inconsciente é a soma dos efeitos da fala sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante" (Lacan, 1964, p. 126).

Não é sem razão que Freud formula o conceito de inconsciente através das histéricas. Isso porque o traço diferencial que ele observa presente nessa estrutura é a constituição do desejo no movimento mesmo de sua fala; trata-se das relações do desejo com a linguagem denunciando a dinâmica do inconsciente. O inconsciente se manifesta como aquilo que vacila, num corte de sentido, em um ponto de estranhamento para o sujeito. É nesse ponto, seguindo através do que é dito e escutando aquilo que não é dito, que Freud assimila o inconsciente ao desejo, onde o sujeito se surpreende em algum ponto– um tropeço. É a ruptura, o aparecimento de uma hiância naquela construção cercada de sentido. É nessa hiância que a neurose se depara com o real, instaurando a dimensão da falta, da perda nesse movimento evanescente, sempre prestes a escapar, no qual se mostra o inconsciente.

Em Freud, é no primeiro estudo sobre os sonhos que são trazidos à luz tanto o conceito de inconsciente quanto o de desejo. Este último é tomado aí como o motor da vida anímica, e já não aparece como se dirigindo para um objeto da realidade, sendo teorizado como indestrutível, impossível de ser satisfeito e paradoxal.Lacan afirma essa definição do desejo estabelecida por Freud, mas acrescenta que ele, o desejo, é causado por um objeto, ao qual denomina como “pequeno a”, caracterizado por um vazio, que assume roupagens imaginárias, causando o sujeito, mas que se dirige a um impossível. O desejo, como trabalhado por Lacan no seminário em questão, advém como função estruturante de uma falta, é o desejo como falta-a-ser. Diferente do prazer, o desejo encontra em alguma parte seu limite, o que o sustenta enquanto função. Esse limite é imposto, em termos freudianos, pelo princípio do prazer, que precisa assegurar uma homeostase.

Lacan também acrescenta ao conceito de desejo, o de demanda, que é a articulação possível, em palavras, por meio da qual o desejo pode se expressar. O desejo, assim como o trauma e o real, não pode ser dito em palavras, mas comporta o paradoxo de só poder ser articulado através delas. A demanda, essa sim possível de ser satisfeita, quando o é, denuncia a impossibilidade de satisfação do desejo e, ao confundir demanda e desejo, o neurótico defende-se como pode. O desejo, em sua relação com a demanda, estabelece um ponto nodal entre a pulsão do inconsciente e a realidade sexual, isto porque através da demanda, o desejo pode ser articulado em termos significantes. É o que Lacan nos define ao afirmar que a função do desejo é resíduo último do efeito do significante no sujeito (Lacan, 1964).

E qual o efeito do significante no sujeito? Lacan situa, neste seminário, que: “A relação do sujeito ao significante é a referência que quisemos colocar no primeiro plano de uma retificação geral da teoria analítica, pois ele é também primeiro e constituinte na

função radical do inconsciente" (ibid., p. 137). A psicanálise reconduz o sujeito à sua dependência significante, uma vez que não há sujeito antes do encontro com a linguagem, da incidência do significante. O efeito desse encontro traumático funda o sujeito, dividindo-o pelo efeito da linguagem e localizando-o na incerteza, provocando uma esquize. Encontramos aí o axioma mais importante do ensino lacaniano, o de que o inconsciente é feito de linguagem, estruturado como uma linguagem.

Como já foi dito, é nos sonhos que Freud encontra a confirmação daquilo que recolhe de suas experiências, encontrando por essa via que o inconsciente é constituído por aquilo que não pode ser evocado pela consciência, aquilo que não é possível discernir ou compreender, mas sim, essencialmente, pelo que é recusado. Ele conceitua esse material como algo da ordem do pensamento, mas um pensamente que se presentifica enquanto ausente. Nesse movimento ele repousa sua certeza na constelação dos significantes, pois considera a forma como eles aparecem nas narrativas, nas associações, pouco importando a retratação. Com isso, constitui seu conceito de inconsciente atento aos significantes que chegam à sua escuta, e atendo especialmente ao fato de que mesmo em meio a uma cadeia organizada, encadeada, algo escapole rompendo o sentindo e permanecendo como furo. Como nos diz Lacan: "Mas o sujeito está aí para ser reencontrado, *aí onde estava*- eu antecipo – o real" (ibid., p. 51).

O inconsciente pode ser compreendido como um dentro e fora, interior ao sujeito, mas dependente de um campo externo, já que é de fora que lhes vêem os significantes – do campo do Outro. O inconsciente se realiza do lado de fora na medida em que sendo determinado pela linguagem e pela fala, começa no lugar do Outro, pois é de lá que surge o primeiro significante. É nesse campo que o sujeito se vê e também no qual é falado, e a partir do qual fala. Esta relação do sujeito com o Outro se estabelece precisamente na

função do significante, a de representar o sujeito para outro significante, já que o sujeito se constitui de significantes.No entanto, algo precisa ser extraído do campo do Outro para que o sujeito cave ali um lugar e possa advir.Um ponto importante de novidade e ruptura sobre o conceito de inconsciente, neste momento, é a abordagem deste pelas operações de alienação e separação, ambas como constituintes do sujeito.

> "Lacan aponta para a necessidade dos conceitos do sujeito e do Outro, definindo o Outro como "o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito". Esta definição liga o Outro e o sujeito de um modo que constitui, claramente, uma alienação: O sujeito como tal só pode ser conhecido no lugar ou *lócus* do Outro". (Laurent, 1997, p.34).

Colette Soler (1997) sinaliza que o que há realmente de novo, neste seminário, é o que se introduz com a separação, já que a alienação é o destino do qual nenhum sujeito falante escapa; um destino ligado à fala. A alienação é a condição na qual o sujeito, sem identidade, tem de identificar-se a algo. Lacan chama a alienação de *vel* da primeira operação essencial em que se funda o sujeito e se manifesta entre o significante e o sujeito, fazendo – o aparecer dividido, por um lado como sentido e por outro como *afânise* (205). E sendo qual for a escolha que se opere, o efeito é *nem um nem outro*. "Escolhemos o ser, o sujeito desaparece, ele nos escapa, cai no não-senso- escolhemos o sentido, e o sentido só subsiste decepado dessa parte de não-senso que é, falando propriamente, o que constitui na realização do sujeito, o inconsciente" (Lacan, 1964, p. 206). Não há sujeito sem, em alguma parte, *afânise* do sujeito; essa é a alienação, a divisão que está instituída a dialética do sujeito. Lacan se refere à escolha entre *a bolsa*

ou a vida, na qual a única chance que garante a vida é a escolha de viver decepado da bolsa.

A separação,que pode ou não estar presente e envolve a interseção entre o sujeito e o Outro. Ela é a via de retorno do *vel* da alienação, onde o sujeito encontra um ponto de fragilidade na articulação primitiva entre significantes, promotora da alienação e ponto de localização do desejo norteador da relação com o Outro.A operação de separação supõe que o sujeito "queira" ou possa se separar da cadeia significante. "É por isso que ele precisa sair disso, tirar-se disso, e no *tirar-se disso*, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar disso, que se safar disso" (Lacan, 1964, p.178). A separação exige uma vontade de saber o que se é, além daquilo que é dito pelo Outro, e a condição dessa operação é o desejo, algo que vá além dos efeitos de sentido. O Outro implicado nesse processo não é o Outro da alienação, repleto de significantes, o A; é o Outro da falta, o sujeito barrado. O desejo é a falta na interseção entre o sujeito e o Outro, que aparece na fala, marcado pela impossibilidade de dizer o que se quer, impondo uma falta na fala.

Logo, podemos dizer que a separação tem uma condição: o encontro com a falta do desejo. O ponto de possível separação aparece na questão: o que sou eu no desejo do Outro? "A psicanálise é o processo de resposta a essa questão. "O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro..." (ibid., p, 209). O sujeito situa no ponto da falta percebida no Outro, a própria falta antecedente de seu desaparecimento. A fantasia de sua morte é o primeiro objeto em jogo nessa dialética do desejo do sujeito e do Outro, onde uma falta recobre a outra. Mais uma vez o que se pode dizer é que o sujeito nasce, se ordena no campo do Outro, de onde pode capturar

significantes, mas que não o permitem responder à questão, devido à alienação; a outra parte que pode ser capturada no Outro é um vazio.

Lacan nos fala do *um* introduzido pela experiência do inconsciente. Há nisso, uma relação profunda: o *um* original é o corte operado no mesmo instante em que se funda o sujeito. Lacan o liga à função do sujeito como tal, em sua relação constituinte ao próprio significante. O sujeito é o sujeito do significante na medida em que é determinado por ele; o significante é a primeira marca do sujeito. Lacan agrega esse conceito de sujeito ao conceito de inconsciente freudiano, a partir de um reordenamento das ideias de Freud. Miller (1997) nos indica que de certo modo, quando Lacan fala em "sujeito", isso equivale a dizer "desejo".

Lacan realiza uma releitura do inconsciente freudiano e nessa releitura estabelece diferenças, agregando inclusive esse conceito chave de seu ensino: a noção de sujeito, que é como é introduzido o inconsciente em termos lacanianos. Em Freud o que funda o inconsciente é o recalcamento, mais precisamente um recalcamento originário que como um núcleo atrairia todos os recalques ulteriores. Freud afirma que esse recalque age sobre a representação e não o afeto, nem tão pouco o representado do desejo ou a significação, mas o representante da representação - *vorstellungsrepräsentanz*; definição na qual não cabe o desejo, visto que ele pode ser definido como o representante não representativo (Lacan, 1964).

> "Ao traduzir *vorstellungsrepräsentanz* por representante da representação é possível localizá-lo nesse primeiro acasalamento significante que os permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito,

> para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise* do sujeito. Donde, divisão do sujeito - quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading* como desaparecimento. Há então, se assim podemos dizer, questão de vida e de morte entre o significante unário e o sujeito enquanto significante binário, causa de seu desaparecimento. O *vorstellungsrepräsentanz* é o significante binário" (ibid.,p.213).

A estruturação do sujeito está centrada na questão do S1, no significante mestre; um significante que marca o sujeito e posteriormente se ligará, nunca inseparavelmente, a outro significante, S2, em busca de sentido. Já a estrutura do Outro é binária, por isso representada como S1 – S2, onde por ser o campo do sentido, necessita de dois significantes. No sujeito, o momento de identificação com um significante, é um momento de petrificação. Nisso a função da fantasia é essencial, visto que ela lhe restitui algum gozo, retirando o sujeito desse estado "morto". Essa operação envolve um encontro com uma segunda falta, "na qual o sujeito tenta inscrever uma representação do gozo no interior do Outro no texto de sua fantasia, e tenta definir a si mesmo através dessa fantasia $◊ *a*" (Miller, 1997, p. 38). No entanto, esse gozo é somente parcial. O destino desse sujeito do significante é uma vacilação entre petrificação, por um significante, e indeterminação no interior do deslizamento do sentido (Laurent, 1997, p.62).

A alienação aponta para o fato, ao passo que encobre, de que o sujeito define-se, além da cadeia significante, também no nível das pulsões, em termos de seu gozo em relação ao Outro. Ou seja, o sujeito é também sujeito dividido pela pulsão; sujeito parcial e sexual.

2.3. *Real, trauma e pulsão*

A noção de pulsão é estabelecida primeiramente por Freud e conhecida como sua mitologia. Já Lacan, prefere referir-se a ela como uma ficção, mais parecendo uma montagem na medida em que une Outro e sexualidade. O conceito de pulsão pôde incluir o paradoxo observado pela experiência de que há satisfação pela via do desprazer, e que isso não está à margem da lei do prazer; a pulsão é aforma de transgressão em relação ao princípio do prazer. Essa satisfação de que aqui se trata, só pode ser entendida como paradoxal.Está incluída aí a categoria do impossível – "O caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível" (Lacan, 1964,p.165).Ao longo de seu ensino, Lacan reduz as pulsões freudianas a apenas uma – a pulsão de morte, e recorre ao termo gozo para tratar o conceito freudiano de pulsão, embora ambos não seesgotem. Lacan nos indica quesempre vai haver um gozo que resta, um gozo impossível de incluir no simbólico, algo que não se confessa, ligado ao real.

O real que aparece em Freud como obstáculo ao princípio do prazer não se afina com o conceito de real lacaniano, este se distingue por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização e por sua economia admitir algo novo: o impossível. Lacan nos adverte de que não devemos tomar essa noção pelo negativo, pois assim cairíamos no erro de considerar o impossível como o oposto do possível: "... e o impossível não é forçosamente o contrário do possível, ou bem ainda, porque o oposto do possível é seguramente o real, seremos levados a definir o real como o impossível" (ibid., p. 165).

Mas o impossível está presente também no campo do princípio do prazer, estando tão presente que se torna irreconhecível como tal. A ideia de que ele se satisfaz pela alucinação ilustra isso, já que mesmo apreendendo seu objeto, a pulsão,ainda assim, não

se satisfaz. Nenhum objeto de nenhuma necessidade pode satisfazer a pulsão; ela o contorna, é a borda em torno da qual se dá a volta. Esse circuito pulsional, o seu vaivém, é o que a estrutura, é o que há de fundamental no nível de cada pulsão. Freud chega a esse aspecto da pulsão através dos estudos sobre o auto-erotismo, quando descreve seu movimento circular através da borda erógena para a ela retornar como sendo seu alvo. Lacan localiza esse movimento como o contorno do objeto *a*, revelando que por aí, o sujeito atinge aquilo que é a dimensão do Outro (Lacan, 1964,p.189).

Através da experiência podemos afirmar que há algo de irreprimível no sujeito, ainda que estejam em pleno rigor as instâncias de repressão e recalque, tão bem balizadas por Freud. Trata-se da pulsão com sua força constante, articuladas ao princípio do prazer, numa dimensão econômica, através de uma montagem pela qual a sexualidade pode participar da vida psíquica. Mas justamente pela relação entre pulsão e princípio do prazer é que a realidade homeostática se impõe e a sexualidade só pode entrar em jogo em forma de pulsões parciais (ibid., p.173). A pulsão é definida em termos de significantes, logo, não podendo ser referida à diferença sexual no sentido biológico, mas sim ao principal significante sexual, o falo. Segundo Lacan, o falo é aquilo que organiza a questão da sexualidade na esfera psíquica, pois, embora haja dois sexos biológicos, só há um significante, o falo. “Para Lacan, em um determinado momento, o falo pôde encarnar da melhor forma este significante que está, ao mesmo tempo, pleno de sentido sexual, mas que, de outro lado, é o limite do sentido, o que é queda de sentido, *désens* ”(LA SAGNA, 2015, p. 9).

Freud ao abordar a sexualidade, o faz privilegiadamente recorrendo ao complexo de Édipo, no qual vemos a discussão possibilitar uma confusão entre o biológico e o significante, o que Lacan põe fim reduzindo o falo ao significante da diferença, ao que

nomeia também como perda de gozo. Com isso Lacan evidencia a relação do sujeito com a sexualidade humana em termos do significante, sem restar dúvidas (Brousse, 1997). O aparato da pulsão traz a sexualidade, como real, para o campo do imaginário e do simbólico, escamoteando o real, trazendo um pouco do objeto para a estrutura simbólica, através de sua montagem e contorno do objeto.

Sujeito e pulsão estão então situados no mesmo lugar, o sujeito também é dividido pela pulsão, já que é o significante que barra a necessidade, produz a pulsão, e é aí que encontramos a "vontade" do sujeito. Essa vontade não é da ordem de uma escolha consciente e tampouco o sujeito pode evitá-la ou detê-la. Nessa operação entre significante e pulsão, algo resta – o desejo. "A pulsão é definida por Lacan como o resultado do funcionamento do significante, isto é, da demanda: a demanda do Outro" (Brousse, 1997, p.123). A atividade da pulsão está investida num *se faire*(Freud fala desde muito cedo sobre um corpo pulsional), indicando que algo nos é feito por outrem, e nesse sentido ela se liga ao campo do Outro, pelo viés do desejo. Esse *se faire*, supõe a demanda do Outro e o uso que o sujeito faz da demanda do Outro para obter satisfação. É uma forma de conectar a própria satisfação sexual com a demanda do Outro, introduzindo-a de algum modo no campo do Outro. A pulsão introduz o objeto como satisfação.Através da pulsão o sujeito encontra uma forma específica de satisfação, aprendendo algo que não é completamente inscrito, visto sua proximidade com o real.O sujeito, através da pulsão, pode descobrir algo sobre seu inconsciente como saber, mas pode também aprender algo sobre si como sujeito libidinal. Isso por que o sujeito da fala, em sua condição de alienado onde encontramos apenas significantes e o vazio, é incapaz de responder à questão.

A libido é definida por Lacan como o órgão da pulsão. Um órgão que não existe, mas que não é por isso menos órgão, nem menos real. Ela é essencial para se compreender a natureza da pulsão, um órgão irreal, na medida em que se articula ao real de um modo que nos escapa. Ela é a presença efetiva, como tal, do desejo e Freud a sustenta como o elemento essencial do processo primário.O ser que responde é a libido, que está ligada ao sujeito da fala. Assim como o gozo é um termo para tratar a pulsão freudiana, também o é para tratar a libido, sem, no entanto, equivaler a ela. A libido, por ser um conceito intrínseco ao da pulsão, que é sempre pulsão de mote, está também relacionada à morte, ao passo que é a representação da vida como indestrutível visto que não se estrutura na dimensão biológica. Ela sinaliza assim uma separação entre a sexualidade biológica e a humana, organizada pela lógica do significante. A ordem simbólica se organiza pela representação, o que implica a morte as coisa, ou seja, a ordem simbólica organiza-se com referencia à morte. Assim, a libido pode ser a representação da vida indestrutível a partir se sua correlação com a morte, por ser uma representação.

Marie-Hélène Brousse (1997) trabalha a mudança do conceito de pulsão a partir do seminário sobre os quatro conceitos, onde é introduzida a dimensão do real na concepção pulsional, até então puramente simbólica. A definição pulsional relacionada ao $ e à demanda é um referencial que pertence ao simbólico; é somente incluindo o objeto *a* e o gozo que podemos introduzir a dimensão do real presente no funcionamento pulsional.

> O sujeito barrado e a demanda são puramente simbólicos. Logo, não há lugar para o real nessa apresentação. Não há conexão com o objeto *a*, porque, na

> fantasia do neurótico, o objeto *a* é definido como a demanda do Outro. Com o objeto *a*, Lacan introduz o real – isto é, o gozo. Na fórmula da pulsão ($◊ D), não há um sujeito barrado real, mas quando se passa da demanda do Outro para o objeto, que é o que acontece na análise, quanto mais se trabalha a fantasia, mais se desconecta da demanda do Outro. No fim, o objeto surge sem o véu da demanda do Outro. Por essa razão, o real é reintroduzido na construção da fantasia, e se revela como puro furo, puro nada (Brousse, 1997, p.131).

Para além do significante, o sujeito é sujeito da pulsão, no intervalo, no vazio, entre o sujeito e o Outro, na lacuna onde algo entra e sai - objeto *a*. É no nível das pulsões que encontramos a resposta para a questão inefável do sujeito. Em análise, trabalha-se com a demanda do Outro porque esta é um aspecto da fala. Nela o sujeito, para além do sentido, é sempre inefável, mas é também é sujeito do gozo, e Lacan articula tanto a fala quanto o gozo no nível da separação. As pulsões são silenciosas, não falam, satisfazem-se silenciosamente na ação, o tempo do significante, ao contrário, é o tempo da fala – entre antecipação e retroação. Já o tempo da pulsão é um instante, um tempo de encontro, que corta o tempo do significante.

Quanto ao objeto *a*, não é sem razão que ele é trabalhado no seminário da angústia, pois a presença desta denuncia a proximidade com o objeto. No seminário sobre os quatro conceitos, Lacan o define ao dizer: ‘’(...) A importância que o sujeito dá à sua própria esquize está ligada ao que a determina – isto é, um objeto privilegiado, surgido de alguma separação primitiva, de alguma automutilação induzida pela aproximação mesma do real, cujo nome, em nossa álgebra, é objeto a” (Lacan, 1964, p. 86).O objeto *a* é separado do sujeito num momento introdutório, não se tratando de um objeto especular ou formado. É algo que ocorre antes da instituição da linguagem, e

reverbera na relação do sujeito com a linguagem. Dele não se tem imagem e nem palavra, não é imaginário e nem simbólico, permanecendo como objeto não identificado e não representado; é essa parte de gozo que jamais pode ser dita, somente vivida. É algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão, e que traz consigo a marca da falta, do falo, não como tal, mas como fazendo falta. Objeto *a* desempenha também um papel de obturador no fechamento do inconsciente, na medida em que ocupa um vazio sem nele se fixar.

As formas do objeto *a* são basicamente representantes da libido perdida, que não se relacionam com a vida biológica; ele representa uma repetição na queda original presente na passagem da imortalidade para a mortalidade; um lembrete do que já fizemos parte. É a partir das perdas que as várias formas do Outro se desenvolvem.Os objetos *a* se ligam fundamentalmente ao Outro e estão centrados nele; o que sem a linguagem, significa a morte.

2.4. Real, trauma e repetição

A descoberta freudiana da repetição como uma função central, tanto no funcionamento do inconsciente quanto na maneira como o trauma se apresenta, foi possível através do estudo das neuroses traumáticas, dos traumas de guerra e do aparente paradoxo dos sonhos traumáticos que não comportavam nenhum prazer. Eles não podiam ser compreendidos pelo princípio do prazer, e a despeito disso, repetiam e repetiam cenas traumáticas. O conceito de repetição em Freud aparece atrelado ao de transferência, onde a relação com o analista seria a repetição de relações estabelecidas com familiares e pessoas próximas, por parte do analisando. Lacan trabalha para desarticular o conceito de transferência do de repetição nesse seminário, pois, nessa

articulação, tanto o conceito de repetição perde seu estatuto de busca por um objeto perdido e aproxima-se de uma mera reprodução, quanto o de transferência perde o estatuto de atualização da realidade do inconsciente.

"Tiquê e Autômaton" é o capítulo do seminário 11 no qual Lacan trabalha mais detidamente a questão da repetição. Nele, Lacan privilegia o conceito de repetição a partir do trabalho freudiano e da experiência analítica. Ele traduz a noção de tiquê, tomada de empréstimo de Aristóteles, por um encontro faltoso do real, que estaria além do autômaton, traduzido como repetição do mesmo, comandada pelo princípio do prazer. Autômaton diz respeito à rede de significantes e nela o sintoma encontra sua vertente representável. Ambos têm relação com a repetição, mas a tiquê é da ordem do inominável; uma repetição inassimilável, que nos situa que o real é encontro faltoso por se encontrar na forma de *trou-matisme*: furo/buraco – trauma.

> A função da tiquê, do real como encontro – o encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso – se apresenta primeiro, na história da psicanálise, de uma forma que, só por si, já é suficiente para despertar nossa atenção – a do traumatismo (Lacan, 1964, p. 60).

A homeostase visada pela ação do principio do prazer pretende tratar, tamponar a desorganização advinda pelo trauma, no entanto, pela experiência, é possível afirmar que o trauma segue se fazendo presente com seus efeitos e retornos, reaparecendo, com efeito, muitas vezes com o rosto desvelado. Foi preciso supor, primeiramente por Freud, que nessa repetição não poderia estar implicado apenas o desprazer. Para tanto, o

conceito de pulsão lhe foi essencial. A repetição se garante porque mesmo não atingindo o alvo, há alguma satisfação, goza-se. Ela não é mera tentativa de atingir o alvo, e isso fica claro pela repetição do sujeito, por aquilo que volta sempre ao mesmo lugar para o sujeito, e que está vinculada ao real. O real é o que está atrás do autômaton, onde Lacan introduz a repetição. No entanto, não é a repetição que importa, mas sim o inantingido em jogo na repetição, trata-se, portanto, novamente daquilo que é perdido, e que aparece nesse desencontro marcado pela tiquê. É a partir disso que o conceito de repetição deve ser abordado, a partir dos efeitos do real sobre ela, e não em articulação com o conceito de transferência, como ocorreu durante anos nos textos e na prática da psicanálise.

Lacan também desenvolve nesse momento outro ponto importante que apareceu intrínseco na abordagem freudiana que aproximava repetição, transferência e resistência. Ele pontua que o inconsciente mais repete do que resiste, ou seja, o inconsciente não é apenas falha, é também repetição, o que possui bastante destaque na pena de Freud. A relação entre a função do retorno e o inconsciente, é íntima: "... a função do retorno, *wiederkehr*, é essencial. Não é apenas o *Wiederkehr* no sentido do que foi recalcado – a constituição mesma do campo do inconsciente se garante pelo *wiederkehr"* (Lacan, 1964, p. 53). Essa afirmação se relaciona com o real na medida em que este é tomado aqui como o que sempre retorna ao mesmo lugar; o que é bem diferente da rememoração, já que esta encontra sempre um limite – o real; já a repetição, toca esse real. A repetição envolve a impossibilidade da lembrança. O que está em jogo no processo da repetição está excluído da cadeia significante, mas é algo em torno do qual ela gira; por isso não está acessível ao pensamento. Logo, a repetição envolve o impossível de pensar e o impossível de dizer e é do registro do real. Esse real interrompe o funcionamento do autômaton, de uma seriação automática que está submetida à lei regular dos significantes do sujeito do inconsciente.

O significante na teoria de Lacan não representa mais que um sujeito para outro significante, sendo esse sujeito uma fenda, comportando uma falta; ele cria, matando aquilo que supostamente “representa”. Ele substitui ou representa um real que não pode falar por si, mas o real, na medida em que não cabe por inteiro em nenhuma representação, sendo não-representacional, promove uma repetição, que não pode ser contornada simbolicamente, exigindo que o sujeito volte ao lugar do objeto perdido, da satisfação perdida. O sujeito volta repetidamente para aquele lugar de ausência, na esperança de conseguir a *Coisa real*, porém não a encontrando sempre. A repetição está sempre ligada a um objeto perdido, mantendo viva a tentativa de reencontrá-lo. Essa tentativa, assim como a repetição, envolve o fracasso na medida em que o real está sempre ligado a um encontro impossível, faltosos; o que não significa que não haja alguma satisfação, ou melhor, algum gozo.

Vorstellung é um conceito importantíssimo na abordagem da repetição e Lacan o define como sendo aquilo que é representado por significante, mas não sendo os próprios significantes. Parece ser uma presença ou imagem real que jamais pode ser expressa em palavras; estamos no nível do impensável, do inominável, do indizível. É a *Vorstellung* que leva à repetição, essa repetição situada em referência ao real, parecendo situar-se no mesmo nível que o objeto perdido, objeto que nunca *foi,* mas que retroativamente é constituído como tendo sido perdido.

2.5. *Real, trauma e transferência*

O conceito de transferência na obra freudiana aparece intimamente articulado ao conceito de repetição. Lacan retoma a questão da transferência neste seminário, visando desarticular um conceito do outro. A transferência é definida, neste momento, como a

atualização da realidade do inconsciente, nos fornecendo o único acesso, na dimensão da experiência de análise, ao que diga respeito ao inconsciente e os manejos possíveis, possibilitando a aparição de pistas que nos indique o real e o trauma em jogo na dinâmica do analisando. O viés pelo qual Freud associa transferência e repetição é, segundo a leitura lacaniana, embasada no repetição em seu aspecto de repetição da cadeia de significantes, S1e S2. A realidade do inconsciente, que está em jogo na transferência é sempre ambígua, ilusória, ao passo que a repetição está ligada ao real, que não engana.

A transferência está na base de toda relação com esse outro que é o analista, e dirige o modo de tratar os pacientes. Ela é simultaneamente produto e condição de instauração da situação analítica, sendo necessário, contudo, que haja, fora dela, possibilidades já presentes às quais ela dará composição. A transferência, e isso Freud nos indica desde o início, é essencialmente resistência; é o meio pelo qualpodemos recolher alguma notícia do funcionamento do inconsciente, mas é também o meio pelo qual o inconsciente torna a se fechar, interrompendo essa “comunicação”. O inconsciente é aquilo que se tranca uma vez que isso se abre, e esse movimento é constante e determinado pelo tempo da pulsão. Já a repetição se realiza em relação a um encontro sempre faltoso; esta é mais uma razão pela qual a separação desses dois conceitos se fez necessária. A transferência é ao mesmo tempo obstáculo à rememoração e presentificação do fechamento do inconsciente, que é a falta, sempre no momento preciso, do bom encontro. Esse é um ponto paradoxal do conceito de transferência: ela não dá poderes ao inconsciente, ainda que seja o meio de o analista poder acessá-lo.

> Digo em algum lugar que, *o inconsciente é o discurso do Outro.* Ora, o discurso do Outro, que se trata de realizar, o do inconsciente, ele não está do lado

> de lá do fechamento, ele está *do lado de fora.* É ele que, pela boca do analista, apela à reabertura do postigo (Lacan, 1964, p.130).

Trata-se de um ato através do qual é possível acessar o funcionamento pulsional. Quando Lacan define a transferência como atualização da realidade do inconsciente, e na medida em que essa realidade é sexual, podemos concluir que através da transferência é possível acessar a articulação entre pulsão e sexualidade na fala do analisando. Ela é também o único meio de "tratar" o trauma e os efeitos do real em análise.É na transferência que devemos ver inscrever-se o peso da realidade sexual.

> A transferência se exerce no sentido de reconduzir a demanda à identificação. É na medida em que o desejo do analista, que resta um x, tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão (ibid.,p.265).

A separação é por onde podemos ver desapontar o campo transferencial, que é possibilitado pelo desejo do analista e a suposição, por parte do analisando, de que o analista sabe – sabe sobre seu sofrimento, sabe como aliviá-lo, enfim, suposição de que o analista sabe algo valioso para ele, analisando. É com essa cota que, analista e analisando, promovem e sustentam a transferência. Esse saber valioso suposto ao analista inclui o desejo, a esperança de que o analista possa dizer, sobre o sujeito, algo

de seu próprio desejo. É isso que Lacan marca estar em jogo no discurso do paciente como demanda. Temos aí a transferência.

Afirmando que o desejo, presente tanto por parte do analista quando do paciente, é o que sustenta a transferência, e considerando que o desejo do homem é o desejo do Outro e é só no nível do desejo do Outro que o sujeito pode reconhecer o seu desejo, o que a experiência analítica nos mostra é um funcionamento de toda uma cadeia no nível do desejo do Outro na qual o desejo do sujeito de constitui. Nesse sentido, da relação do desejo ao desejo, algo de uma alienação é conservada.

CAPÍTULO 3

O TRAUMA NO ULTIMO ENSINO DE LACAN

Considerando o que abordamos nos capítulos anteriores, sobre as construções de Freud e de Lacan até o seminário de 1964, podemos concluir que o trauma é um encontro abrupto com o real. Através da palavra *troumatisme* Lacan inclui o furo (trou) em sua escrita para marcar o impossível desse encontro do sujeito com a linguagem, relacionado com a repetição e nomeando como o núcleo do inconsciente aquilo que “não cessa de não se escrever”. É esse núcleo traumático, constituído a partir desse furo, que ordena o discurso e faz o sujeito falar, ainda que, sendo da ordem do impossível, não possa ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita.

Para Lacan, no inconsciente trata-se sempre de significantes. Falamos, ainda que na condição de *falasser,* termo lacaniano equivalente do inconsciente freudiano. Para este, o trauma funda o inconsciente, já para Lacan, o *falasser* seria composto de letra, gozo e furos – real.Ao final de seu ensino, no qual avança em relação ao estudo do

real,ele nomeia desinthome o irredutível do encontro com o real, dedicando-se a pensar o tratamento dessa dimensão que escapa à linguagem.

O conceito de sinthome surge da elaboração da teoria dos nós borromeanos, também uma questão de destaque a partir dos anos setenta. É uma construção que visa esclarecer as relações entre real, simbólico e imaginário, além da conceituação estrutural em neurose, psicose e perversão.Letra, corpo e gozo também são questões que passam a ter grande destaque nesse período a partir de suas articulações com o real. A letra passa a ter destaque no ensino de Lacan como a escrita do sujeito ou daquilo que dele se pode escrever, situada entre simbólico e real, construindo borda à intangibilidade do gozo. De lalangue, a letra extrai o que norteará o texto do sujeito na repetição, contornando o que não cessa de não se escrever – o impossível. O trauma fixa a repetição em torno de um ponto, o não realizado. O sintoma, diferente do sinthome, escreve-se sobre essa marca e a atualiza.

Em “A instância da letra”, Lacan designa a letra como o suporte material tomado pelo discurso concreto, em empréstimo com a linguagem, ressaltando sua materialidade em relação ao significante e fazendo circular o discurso. A letra não se confunde com o significante – a letra está no real enquanto o significante está no simbólico. A relação entre letra e significante não é de primazia da letra, pois essa só pode ser extraída do campo da linguagem, dos significantes. É nesse contexto que Lacan introduz a ideai de rasura, sulco; uma rasura de nenhum traço anterior, sobre o que não está lá.

O conceito de letra sofistica a noção de real e possibilita pensar a dimensão da linguagem enquanto lalangue, e não mais como a estrutura simbólica fornecedora de sentido, passando então de significante como produtor de gozo, a significante enquanto, ele próprio, matéria gozante - lalangue.No ponto em que se funda um sujeito há um gozo

em questão, e é isso que esse conceito aprimora - a articulação com o gozo e o fortalecimento da noção de uma língua particular para cada falante: lalangue.A estrutura da linguagem é a mesma para todos, mas o uso de lalangue é sempre único para cada sujeito.

Lalangue passa a ser um dos conceitos fundamentais do último ensino de Lacan, juntamente com os conceitos de real, letra, corpo e gozo. Eles possibilitam que a linguagem seja compreendida como aquilo que o discurso elabora para dar conta de lalangue; uma elocubração de saber sobre lalangue, enquanto o inconsciente é um saber-fazer com lalangue. Esta é uma forma de satisfação que independe da significação, até mesmo por ser anterior ao significante-mestre.

Com a questão do corpo colocada no final de seu ensino, Lacan vai além das investigações do campo discursivo colocadas pela linguagem, passando a dar lugar significativo às experiências anteriores à aquisição da fala, ao modo de gozo, enquanto propriedade do corpo vivo, considerando aquilo que escapa à rede de significantes.O real da psicanálise é o real do corpo, corpo pulsional que goza, corpo além dos limites do biológico. É o corpo que só o é como falante, de acordo com a psicanálise, nascido da carne e da linguagem, do limite entre o externo e o interno. Lacan partiu disso para estabelecer sua topologia, da noção de extimidade.

Em Freud, trata-se do encontro com das *Ding*, encontro com algo externo e que o faça falar.Em Lacan, objeto *a* – um resto inassimilável desse encontro da carne com a linguagem, onde a linguagem causa o trauma. Este, por guardar em relação à linguagem a ao corpo, uma posição êxtima,dificilmente pode ser localizado. O corpo no trauma predomina como real.

O último ensino de Lacan tem um impacto que transborda a questão teórica e causa grande impacto clínico. É a clínica dos nós, do shintoma, enfim, a clínica do real. Trata-se do entrelaçamento dos três registros – real, simbólico e imaginário, e de um quarto elo, o sinthoma, que em seus arranjos promove nodulações e desnodulações, ligações e desligamentos determinantes para o inconsciente. Esse quarto elo possui uma função reparadora, de ancoragem, amarrando os três registros. É nesse momento que os três registros, trabalhados ao longo de seu ensino, tornam-se equivalentes; um elo só se sustenta encadeado ao outro, no qual o corte em qualquer elo desfaz o nó.O impacto deste momento no ensino de Lacan e na clínica,repousa na releitura da tripartição estrutural neurose, psicose e perversão ao considerar formas complexas de amarração não comportadas pela divisão estrutural.

3.1. Considerações finais

Em Freud a noção de trauma é rapidamente definida como o efeito do encontro com o sexual, e causa da constituição da fantasia como uma resposta ao
enigma do sexual. Na medida em que avança em suas construções teóricas oriundas de suas observações clínicas, Freud pôde agregar outra formulação na definição do complexo conceito de trauma: o desamparo. Essa novidade é amplamente trabalhada em seu texto de 1926, onde aborda o trauma a partir das primeiras experiências de desamparo situadas na eminência da perda de amor materna e no nascimento e sua condição de dependência.

Lacan localiza o trauma muito precisamente ao situá-lo no encontro da criança com a linguagem. Ao final, Lacan traz o encontro dessa linguagem, vinda de desejos e demandas de um mundo que cerca a criança, com o corpo e a possibilidade de uma escrita, a partir desse matéria disponível. Esse encontro constrói uma borda num vazio

constitutivo e circunscreve um campo de gozo; é disso que se trata quando falamos em trauma. Para Lacan o trauma é *não todo* e para todos. É para todos na medida em que o encontro com a linguagem é inevitável e *não todo* na medida em que os efeitos desse encontro traumático são imprevisíveis, particulares e, em grande parte, incomunicáveis. Não há fórmulas, antecipação ou mesmo cura.

Freud percebeu que o tratamento possível para os sintomas (solução para lidar ou mesmo comunicar algo do trauma), o desamparo e o horror atualizado nas experiências que reviviam o trauma, era a fala em livre associação. Essa fala não comportava tudo, girava em torno de um furo, em torno daquilo que jamais poderia ser dito, uma fala que não era marcada pela clareza e nem poderia eliminar o trauma. Lacan parte justamente do impossível de dizer do real para falar em trauma.

Logo, o trabalho possível, em análise, sobre o trauma não pretende sua eliminação, cura, tão pouco que ele possa ser dito, mas sim a construção de bordas em torno de um impossível dizer.

Um sujeito chega à análise pela via do sofrimento, ou seja, pela via do afeto, e ainda que busque um sentido, não é a certeza que o conduz até lá; é a dúvida e a aposta de que o analista possa saber algo sobre seu sofrimento. Há algo em si que o sujeito desconhece e que o ultrapassa, e a suposição de que o analista saiba sobre seu sintoma abre o campo transferencial no qual uma analise poderá ter lugar. É a partir desse lugar de escuta que o sujeito pode enunciar sua questão; fazer falar é uma condição da escuta nesse trabalho com seres possuidores de um corpo de gozo e afetados pela linguagem.

A aposta de uma análise, que não é outra coisa senão falar do indizível, do impossível de falar, é na elaboração, na construção de recursos para lidar com o trauma e com os eventos que o atualizam a todo o momento. Foi o que Lacan chamou de “bem-dizer”, que quer dizer uma série de novas formulações e reformulações de uma mesma

coisa, podendo dizê-las cada vez melhor. Trata-se de um discurso possibilitador de abertura ou fechamento nas trilhas em busca do objeto *a*. As letras, objeto do último ensino de Lacan, aparecem como elementos capazes de viabilizar cifras de gozos e abrir caminho para a circulação em torno do indizível.

O trauma, além daquilo que faz buraco, é também o que ameaça o processo de construção de sentido, de existência, ameaça a ordem simbólica. Concomitante a isso, é também possibilidade de desfazer significações pesadas, de re-criar sua existência, uma ocasião de, diante do horror, produzir algo de novo.

A experiência de análise pode possibilitar que o sujeito tome para si a responsabilidade de se situar em sua condição, em sua história. Ela se ocupa do impossível articulado na linguagem, com seus limites à significação; não há uma última palavra, nem uma significação última, ainda que haja limite. A análise pode intervir na cristalização imaginária dos significantes, para que possam articular novas verdades subjetivas. O que a análise oferece ao analisante é um encontro com “o real”, um encontro com aquilo que ele evitou até então, mas isso se dá na busca de uma “solução nova”, uma mudança sob o impacto desse encontro, pelo deslocamento das cadeias de associações que foram construídas em torno desse real, o encontro com o gozo como real.

Do lado do analista o saber fazer com o real implica na complexidade de tratar o impossível, suportando o sem sentido para conduzir, caso a caso, a melhor maneira de fazer uso do sintoma na singularidade de cada economia de gozo.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Heloisa – “O amor nosso de cada dia” (2008). *In:* Opção Lacaniana on line nova série: http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/pdf/artigos/HECOamor.pdf Acessado em 10/07/2014.

CALDAS, Heloisa – Discurso da histérica. *In:* Scilicet – Os objetos *a* na experiência psicanalítica, Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008.

CALDAS, Heloisa – Trauma e linguagem: acorda (2015). *In:* Opção Lacaniana on line nova série: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_16/Trauma_e_linguagem_acorda.pdf Acessada em 13/03/2015.

FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (Org) – Para ler o seminário 11 de Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

__ Histeria (1988). Vol.I.

__ Prefácio e notas de rodapé à tradução das conferências das terças –feiras, de Charcot (1892- 94). Vol. I.

__ Esboços para a “comunicação preliminar” de 1893 (1940-41 [1892]). Vol. I.

__ Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892 -1899]). Vol. I.

__ Projeto para uma psicologia científica (1950[1895]). Vol. I

__ Estudos sobre a histeria (1893 -1895). Vol. II.

__ Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Uma Conferência (1893). Vol. III.

__ As neuropsicoses de defesa (1894). Vol. III.

__ A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). Vol. III.

__ Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896). Vol. III.

__ A etiologia da histeria (1896). Vol. III.

__ A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). Vol.III.

__ Cinco lições de psicanálise (1910[1909]). Vol. XI.

__ A história do movimento psicanalítico (1914). Vol. VIV.

__ Os instintos e suas vicissitudes (1915). Vol. XIV.

__ Repressão (1915). Vol. XIV

__ Teoria Geral das Neuroses (1917 [1916-1917]). Vol. XVI.

__ Introdução à psicanálise e as neuroses de Guerra (1919). Vol. XVII.

__ O além do princípio do prazer (1920). Vol.XVIII.

__ Inibições, sintomas e ansiedade (1926). Vol. XX.

__ O mal estar na civilização (1930 [1929]). Vol. XXI.

GUERRA, A. Sutilezas do tratamento do real no final do ensino lacaniano: A letra, O *savoir – y – faire* e *l'âme à tiers. in* : Saber fazer com o real – Diálogo entre psicanálise e arte. Rio de janeiro. Editor Jose Nazar: Cia de Freud: PGPSA/IP/ UERJ, 2009.

JORGE, M.A.C. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud" (1953 – 1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

__ Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953) *in:* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

__ O seminário livro 7: A Ética da psicanálise (1959-60). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

__ O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2008.

__ O rato no labirinto *in:* O seminário livro 20 (1972/1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LAURENT, Éric – "O trauma, generalizado e singular". *In:* http://www.encontrocampofreudiano.org.br/2014/02/o-trauma-generalizado-e-singular9241.html Acessado em 20/07/2014.

MILLER, Jacques- Alain – Silet – Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2005.

_____ Percursos de Lacan – uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1988.

MANSO, R.; OLIVIRA, G. – O que fazer com o real do trauma? *in* : Saber fazer com o real – Diálogo entre psicanálise e arte. Rio de janeiro. Editor Jose Nazar: Cia de Freud: PGPSA/IP/ UERJ, 2009.

LA SAGNA, Philippe – Os mal-entendidos do trauma (03/2015). I*n:* Opção Lacaniana on line nova série: *http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_16/Os_mal-entendidos_do_trauma.pdf* Acessado em 13/03/2016.

RUDGE, Ana Maria – "Pulsão e Linguagem". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

SEGANFREDO, G. F.C, CHATELARD, D.S.: Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. (2014). *In:* http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno30_pdf/05_Das_Ding_o_mais_primitivo_dos_extimos.pdf Acessado em 20/05/2016.

VIEIRA, M. A. Entre desejo e gozo: Freud, Lacan e a ética da psicanálise. Saúde, Sexo e Educação, Rio de Janeiro, v. 20, n. VII, p. 42-50, 2000.